



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

BIANCA DE FÁTIMA NOGUEIRA DOS SANTOS

**DISCUSSÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE A RAINHA NEFERTITI:
SACERDOTISA, DEUSA E FARAÓ**

GUARABIRA-PB

2024

BIANCA DE FÁTIMA NOGUEIRA DOS SANTOS

**DISCUSSÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE A RAINHA NEFERTITI:
SACERDOTISA, DEUSA E FARAÓ**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentada à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: História e estudos culturais – etnia, crença, gênero e sensibilidade.

Orientadora: Dra. Naiara Ferraz Bandeira Alves

GUARABIRA-PB

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237d Santos, Bianca de Fatima Nogueira dos.

Discussões historiográficas sobre a rainha Nefertiti [manuscrito] : sacerdotisa, deusa e faraó / Bianca de Fatima Nogueira dos Santos. - 2024.

81 f. : il. color.

Digitado.

Monografia (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Naiara Ferraz Bandeira Alves, Departamento de História - CH".

1. Nefertiti. 2. Hipóteses. 3. Egito antigo. 4. Período Amarniano. 5. Condição feminina. I. Título

21. ed. CDD 923.01

BIANCA DE FÁTIMA NOGUEIRA DOS SANTOS

**DISCUSSÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE A RAINHA NEFERTITI:
SACERDOTISA, DEUSA E FARAÓ**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentada à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: História e estudos culturais – etnia, crença, gênero e sensibilidade.

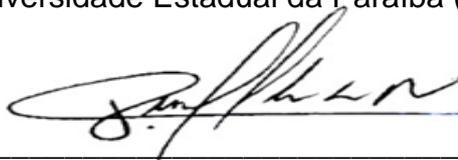
Aprovada em: 11/ 11 /2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr^a. Naiara Ferraz Bandeira Alves (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr^a. Susel Oliveira da Rosa

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha querida avó, Severina Rita, que embora não esteja fisicamente entre nós, serei eternamente grata por todo carinho e cuidado que ela teve comigo. E por todas as vezes em que ela se preocupou me esperando chegar da escola, ficando na porta de casa ou sentada na calçada, essa sempre será uma lembrança vívida em minha memória. Dedico este trabalho a você, com toda a saudade e amor que carrego em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus e a Nossa Senhora De Fátima por todas as vezes que rezei quando estava aflita e ansiosa, por eles serem o meu sustento e meu alívio durante todos os momentos da minha vida.

Gostaria de agradecer aos meus pais, Adaiza e Josevaldo, que mesmo não tendo terminado os estudos sempre me incentivaram a nunca parar de estudar e plantaram no meu íntimo a semente de querer entrar em uma Universidade para me profissionalizar em alguma área. Agradeço também por eles sempre bancarem os meus privilégios, porque fazer uma graduação sem precisar ter que trabalhar é sim um privilégio que poucos conseguem ter quando adentram na área acadêmica. Também os agradeço por todas as vezes que precisei explicar um assunto que estava estudando, e mesmo sem eles entenderem o que eu estava falando, os seus ouvidos sempre se fizeram abertos para me escutar e dar atenção.

Agradeço também ao meu grande amor Gean da Silva, por todo companheirismo, carinho e cuidado. E por ter sido em muitos momentos ansiosos o meu porto seguro e a pessoa que me mostrava a realidade diante de tantos pensamentos irrealistas, me mostrando diversas outras possibilidades de pensamento, quando a minha mente acreditava e tomava como verdade apenas uma visão, obrigada por todos os momentos de alegrias e tristezas.

Agradeço aos meus amigos do ônibus o “fundão”: Milena, Rafaela, Silmara, Kaylane, Vitória, Gederson e Andson, por todos os momentos de alegrias, gargalhadas, conversas, reflexões e desabafos durante nossas viagens de ida e volta para casa. Vocês tornaram uma viagem extremamente silenciosa e chata, em uma ida e volta para casa muito mais divertida e especial. Também agradeço aos meus amigos/as de curso nessa jornada acadêmica, “equipe g”: Mayra, Carlos, Denilson, Alicia, Camila e Karla, por toda amizade, conversas, risadas e desabafos, vocês marcaram a minha trajetória. Agradeço também a todos os integrantes da minha querida turma de História 2021.1, muito obrigada por toda união e cumplicidade na sala de aula.

Agradeço também ao Dr. Júlio Gralha, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), por todas as vezes que tinha dúvidas sobre o Período Amarniano e a religião egípcia e todas as vezes fui prontamente atendida.

Agradeço principalmente às minhas professoras e professores que pude ter a oportunidade de conhecer durante minha trajetória acadêmica na UEPB-Campus III, entre eles, minha orientadora: Naiara Ferraz, por todo apoio e por acreditar na minha pesquisa desde o início, obrigada por todo auxílio e ensinamento, saiba que você é uma das minhas inspirações profissionais. Agradeço também a Alômia Abrantes, Susel Oliveira, Carlos Adriano, Edna Nóbrega, Elisa Mariana, Waldeci Ferreira, Luiz Mário, Dmitri Bichara, Luciana Calissi e Joana Dar“k, sou muito grata por todos os ensinamentos que compartilharam comigo, tenho muito orgulho de dizer que vocês fazem parte da minha história no curso.

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de analisar as obras que discutem sobre a vida e morte da Rainha Nefertiti da XVIII Dinastia do Egito Antigo, destacando o seu papel na sociedade egípcia como sacerdotisa, deusa e faraó. A rainha Nefertiti, foi consorte do rei Akhenaton (anteriormente conhecido como Amenhotep IV, que reinou durante o ano de 1352-1336 a.C.), que modificou a religião do Egito Antigo e a arte da civilização, considerado o precursor da decadência do Antigo Egito. Ela viveu a maior parte de sua vida adulta na nova cidade real de Amarna, fazendo uma participação de maneira ativa na política e religião do período Amarniano e deu à luz a pelo menos seis filhas nascidas do amor entre eles. E desaparece dos registros históricos no final do reinado de seu marido, dando margem para a criação de diversas teorias já que a sua múmia não foi encontrada até o presente momento. Um dos maiores debates é sobre a rainha Nefertiti ter se tornado uma faraó no fim do reinado de Akhenaton, a sua história de vida é muito explorada devido a todos esses mistérios, mas no Brasil ainda são poucos textos existentes que une boa parte dessas discussões historiográficas em apenas uma pesquisa. A partir de uma análise bibliográfica das obras dos/as autores/as Christian Jacq (1978), da brasileira Anna Cristina Ferreira de Souza (2012) e da Joyce Ann Tyldesley (2018) iremos problematizar como os/as autores/as apresentaram e desenvolveram as suas pesquisas, procurando enfatizar o lugar social segundo Certeau (2010), em que o historiador/a está inserido influencia na sua escrita, além disso discutiremos também as suas hipóteses sobre o possível reinado de Nefertiti como faraó.

Palavras-chave: Nefertiti; Hipóteses; Egito Antigo; Período Amarniano; Condição Feminina.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the works that discuss the life and death of Queen Nefertiti of the XVIII Dynasty of Ancient Egypt, highlighting her role in Egyptian society as a priestess, goddess and pharaoh. Queen Nefertiti was the consort of King Akhenaten (previously known as Amenhotep IV, who reigned during the years 1352-1336 BC), who modified the religion of Ancient Egypt and the art of civilization, considered the precursor of the decline of Ancient Egypt. She lived most of her adult life in the new royal city of Amarna, actively participating in the politics and religion of the Amarnian period and gave birth to at least six daughters born of their love. She disappears from historical records at the end of her husband's reign, giving rise to the creation of several theories since her mummy has not been found to date. One of the biggest debates is about whether Queen Nefertiti became a pharaoh at the end of Akhenaten's reign. Her life story is widely explored due to all these mysteries, but in Brazil there are still few existing texts that unite much of these historiographical discussions in just one research. Based on a bibliographical analysis of the works of authors Christian Jacq (1978), Brazilian Anna Cristina Ferreira de Souza (2012) and Joyce Ann Tyldesley (2018), we will problematize how the authors presented and developed their research, seeking to emphasize the social place according to Certeau (2010), in which the historian is inserted, which influences their writing. In addition, we will also discuss their hypotheses about the possible reign of Nefertiti as pharaoh.

Keywords: Nefertiti; Hypotheses; Ancient Egypt; Amarnian Period; Feminine condition.

FICHA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Busto de Nefertiti.....	19
Figura 02 - Anel com imagens de Akhenaton e Nefertiti como Shu e Tefnut.....	30
Figura 03 - Estela de Amarna.....	31
Figura 04 - Fragmento de um relevo (talatat).....	32
Figura 06 - Nefertiti derrotando os inimigos.....	71
Figura 07 - Cena ritual de Nefertiti.....	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A INTERSECÇÃO DA HISTORIOGRAFIA, HISTÓRIA CULTURAL E REPRESENTAÇÃO.....	13
2.1 SOBRE HISTÓRIA DAS MULHERES.....	20
2.2 A MAAT COMO CONDIÇÃO FEMININA.....	20
3 SOBRE OS AUTORES.....	36
4 A TEOCRACIA AMARNIANA E A ARTE EGÍPCIA.....	45
5 A BELA CHEGOU: NEFERTITI - A SACERDOTISA, DEUSA E POSSÍVEL FARAÓ AOS OLHOS DE CHRISTIAN JACQ, ANNA CRISTINA E JOYCE TYLDESLEY.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	78

1 INTRODUÇÃO

O Egito¹, berço da civilização humana, fica localizado na África em uma parte da região nordeste do continente africano e é atravessado pelo rio Nilo que proporcionou o desenvolvimento de uma das maiores civilizações do mundo antigo. Minha paixão pela história do Egito nasceu quando obtive contato com o assunto durante o meu Ensino Fundamental II pela primeira vez, mas é claro, os assuntos abordados na escola eram mais questões políticas e religiosas sempre focadas na figura masculina, a partir deste meu primeiro contato com o assunto comecei a pesquisar mais sobre a mitologia egípcia e em um belo dia no ano de 2015 era lançado o primeiro episódio da novela “Os Dez Mandamentos”, exibida pela Rede Record (rede de televisão aberta).

Durante a exibição do episódio, escutei o nome “Nefertari” e logo achei aquele nome bonito e decidi pesquisar mais sobre a sua história, porém não sei se por erro de ortografia ou erro do próprio site de pesquisa, apareceu a imagem do “busto de Nefertiti” e uma frase que a destacava como a mulher que se tornou faraó do Egito. Após essa descoberta eu fiquei fascinada por saber que anteriormente existiu uma mulher que ocupou o lugar que comumente era destinado aos homens, durante um tempo acreditei que Nefertiti e Nefertari eram as mesmas pessoas, mas depois de muito pesquisar descobri que eram pessoas totalmente diferentes que viveram em períodos bem distantes, mas como eu era pequena acabei não entendendo o assunto que pesquisei e por isso a confusão.

A partir do momento em que descobri que Nefertiti havia se tornado faraó, vários questionamentos surgiram na minha mente sobre o porque ela não era mencionada nas aulas de História da minha escola, além disso também me questionava sobre o porquê que as mulheres que tiveram papéis importantes na sociedade não estavam inseridas nos assuntos que eu estudava? Sentia uma falta de representatividade feminina e de saber mais sobre a história dessas mulheres que foram importantes na construção histórica do mundo, o pensamento que eu tinha quando estudava o assunto de História na escola era que apenas os homens tinham exercido

¹Anteriormente o Egito era chamado de Kemet significa *Terra Negra*, em referência aos solos negros férteis das planícies de inundação do *Hapi* (como o rio Nilo era chamado no antigo Egito). O nome Egito, foi dado a Kemet pelos europeus, essa palavra é derivada de *Aígyptos* (que significa *além do Egeu*, mar que separa a Europa e Ásia) esse foi o nome dado pelos europeus para identificar o país.

papéis de relevância. Ao entrar na fase adulta, fui me aprofundando mais no assunto sobre a vida da Rainha Nefertiti e descobri o mundo de hipóteses e perspectivas sobre a vida e morte de Nefertiti e principalmente me deparei com outras teorias sobre ela não ter sido faraó do Egito Antigo.

Durante um tempo um dos meus maiores objetivos era descobrir tudo sobre Nefertiti, saber como ela vivia, agia, pensava, o seu dia a dia, à sua intimidade familiar, mas durante o meu percurso no curso de História fui descobrindo que isso era impossível, porque os mortos não iriam voltar para nos contar esses detalhes e tudo que possuímos são apenas fragmentos de acontecimentos nas suas vidas. Existindo assim diversas teorias sem de fato chegar em um consenso (dependendo do caso), como ocorre com Nefertiti, o que sabemos sobre ela é que era consorte do rei da XVIII Dinastia, Akhenaton (anteriormente conhecido como Amenhotep IV), que governou o Egito numa época de riqueza. Sabemos que ela viveu a maior parte de sua vida adulta na nova cidade real de Amarna e que deu à luz ao marido pelo menos seis filhas. Sabemos que ela possuía um papel proeminente no culto solar de Akhenaton, e que frequentemente usava uma coroa única e plana enquanto desempenhava seus deveres religiosos e políticos. Sabemos que ela desapareceu dos registros no final do reinado de seu marido. E a partir disso alguns historiadores/as e egiptólogos/as criam diversas teorias sobre o seu desaparecimento e vida, analisando a arte produzida durante o período histórico em que ela viveu e elucidando questionamentos sobre quem eram os seus pais? Ela era adorada como uma deusa viva? Ela teve filho homem? Ele herdou o trono egípcio? Ela desapareceu ou morreu? Ela poderia realmente ter morrido e sido enterrada durante o reinado do marido? Ou ela poderia ter seguido em frente, talvez mudando seu nome e função para continuar sua trajetória no reinado?

Esse trabalho foi dividido em cinco capítulos, no primeiro capítulo “A intersecção da Historiografia, História Cultural e Representação”, delineamos um pouco da história da historiografia, discorrendo também sobre o papel do historiador/a, o “lugar social” utilizando o conceito de Certeau (2010), as fontes do historiador/a da antiguidade e o conceito de representação por Chartier (1990). No segundo capítulo, “Sobre História das Mulheres” e “A maat como condição feminina”, abordamos as discussões sobre a inserção da História das Mulheres na História, as dificuldades em se ter vestígios sobre as mulheres da Ásia, África e Oriente Médio, abordando também a história das mulheres egípcias utilizando a autora Gay Robbins (1993) e Anna Cristina (2012) para falar sobre a respeito da representação feminina em

um lugar de poder no Egito Antigo e seus papéis nesta civilização. No terceiro capítulo, “Sobre os autores”, delineamos uma pequena biografia dos/as autores/as que analisaremos a história de Nefertiti, os motivos pelos quais eles se interessaram por Nefertiti e analisando o conjunto de suas obras. No quarto capítulo, utilizaremos os mesmos autores/as para discorrer sobre “A teocracia Amarniana e a Arte egípcia”, trazendo o contexto histórico que a rainha Nefertiti estava inserida. E por fim, no quinto capítulo “A Bela Chegou: Nefertiti- Sacerdotisa, Deusa e Possível Faraó aos olhos de Christian Jacq, Anna Cristina e Joyce Tyldesley”, destacamos as teorias e hipóteses sobre a vida e morte de Nefertiti em suas obras.

O presente trabalho busca contribuir para a historiografia brasileira e História das Mulheres com as discussões historiográficas sobre a vida e morte da Rainha Nefertiti, além de destacar as teorias sobre o seu papel no Egito Antigo como Deusa, Sacerdotisa e Faraó, a partir de uma análise bibliográfica das obras dos/as autores/as Christian Jacq (1978), da brasileira Anna Cristina Ferreira de Souza (2012) e da Joyce Ann Tyldesley (2018). Portanto, essa pesquisa é de cunho qualitativa de fonte bibliográfica, utilizando as referências disponíveis traduzidas para o português e outras na língua inglesa, como livros, artigos, teses, etc. Para apresentar em uma única pesquisa brasileira, as teorias dos autores/as sobre a Rainha Nefertiti e as mulheres egípcias.

2 A INTERSECÇÃO DA HISTORIOGRAFIA, HISTÓRIA CULTURAL E REPRESENTAÇÃO

A historiografia é a história da história, nela analisamos como cada autor escreveu sobre determinado acontecimento histórico ao longo do tempo e como essa escrita se opõe ou se assemelha quando relacionamos dois ou mais historiadores/as² que analisam um mesmo objeto de estudo. É um ramo da ciência histórica que estuda a evolução da própria ciência histórica no interior do desenvolvimento histórico global, um estudo produzido a partir do conhecimento histórico, mas que é diferente em conteúdo e propósito, a sua finalidade é analisar o processo que dá origem àquele conhecimento e a sua metodologia busca interpretar as ideias e os valores a ele empregados. Segundo afirma o historiador Philippe Tétart (2000, p. 8), a história da história e dos historiadores coloca em perspectiva os modos diferentes de pensamento dos historiadores com a sociedade, o processo histórico, a fim de sublinhar as conquistas, as rupturas e a formação de um saber particular.

Sendo assim, toda pesquisa historiográfica se articula através da narrativa histórica a partir de um lugar social, uma prática e uma escrita. Nenhuma produção historiográfica é neutra, dentro da escrita de um historiador sempre iremos identificar o seu lugar social e os seus interesses na produção, a sua corrente historiográfica, o seu lugar socioeconômico, político e cultural na sociedade que ele está inserido através dos métodos utilizados pelo mesmo.

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômica, política e cultural. [...] Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam (Certeau, 2010, p. 66-67).

² Parafraseando a ideia da escritora e psicóloga Grada Kilomba em seu livro “Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano” (2019), utilizarei uma nova linguagem ao abordar a palavra Historiador e incluirei o gênero feminino igualmente para que sejamos representadas também, pois por muito tempo os homens ocuparam esse lugar e não davam espaço para incluir as mulheres na História. Foi preciso uma mulher historiadora chamada Michelle Perrot juntamente com o historiador Georges Duby para modificar e incluir as mulheres na história depois de investidas do Movimento Feminista de 1960. Utilizo esse vocabulário para nos encontrarmos na nossa condição humana de sujeitos/as da história. A palavra Historiador passa a ser escrita com a inclusão do gênero feminino Historiador/a, já a palavra Historiadores é considerada neutra e inclui dentro dela os profissionais no geral, mas mesmo assim irei colocá-la como Historiadores/as. Sei que dessa forma estou apenas incluindo dois gêneros o feminino/masculino e não estou incluindo as diversas outras formas de gênero que possuímos atualmente e isso expõe a problemática das relações de poder. Só que nesse texto me atentarei a destacar sujeitos/as femininas, colocando-as em destaque, só não utilizarei quando estiver citando diretamente a ideia de um autor/a.

A historiografia estimula o pensamento crítico ao examinar como as narrativas históricas foram e ainda são formadas, destacando nela a subjetividade da escrita histórica e a influência do lugar, dos propósitos e do período histórico que o historiador/a analisado está inserido. Mostrando como as interpretações de um determinado acontecimento histórico se modificam ao estudarmos as abordagens e metodologias de diferentes historiadores/as, ela também oferece uma visão sobre como os historiadores/as coletam, analisam e interpretam as suas fontes. Expondo os debates e controvérsias sobre um determinado fato histórico, introduzindo a influência de várias perspectivas incluindo fatores políticos, sociais, econômicos e culturais na interpretação histórica.

Os historiadores não se cansam de interrogar os seus colegas que lhes antecederam, bem como aqueles que lhes são contemporâneos, a respeito de suas certezas e de seus procedimentos no trato do material de pesquisa, Demonstrando assim, que a "historiografia deve arrogar a si próprio o pensamento histórico, que é o seu objeto, isto é, não simplesmente o estudo da maneira de escrever a História, mas a recriação da História, com toda a carga de responsabilidades em que essa tarefa implica" (Barroso, 2003, p. 26).

É válido salientar que a história da história não deve apenas se preocupar com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a mentalidade e cultura histórica de uma época. Na presente pesquisa, iremos tomar algumas obras históricas como documento, transformando, assim, a historiografia no estudo das ideias do historiador/a sobre um acontecimento ou personalidade histórica, analisando o seu lugar social, os sinais que denunciam o seu engajamento na ordem cultural do mundo social que estava ou está inserido, permitindo assim, que se identifique pelas suas ideias as características fundantes da mentalidade coletiva da época que ele/ela escreveu a sua obra sobre um dado período ou personalidade e as suas produções acumuladas através dos anos de profissão.

Portanto, limitar o trabalho historiográfico à análise do exercício profissional do historiador, significa dizer que se observam os aspectos característicos da sua atividade intelectual em geral e, em particular, as formas de elaboração e apresentação da sua obra. Em se considerando que o trabalho do historiador tem por principal finalidade tornar o processo histórico inteligível, no caso da opção de um estudo historiográfico, o seu objetivo é dar inteligibilidade ao processo de elaboração do conhecimento histórico (Barroso, 2003, p. 34).

Portanto, o historiador/a tenta compreender o homem através dos vestígios deixados por ele, sem objetividade, sem uma única verdade, apenas pontos de vista de outros pontos de vista. O passado não existe mais, e o historiador/a é apenas um indivíduo inserido em sua própria

história, analisando o que outros historiadores escreveram sobre os acontecimentos históricos. Já na primeira metade do século XX, surge o movimento historiográfico que vai se opor a essa história tradicionalista, chamado “Escola dos Annales” que tem origem na França e é difundida em toda a Europa e América, trouxe para o campo das pesquisas uma grande inovação no conceito de documentos e trazendo também a ideia de interdisciplinaridade na História. Começa com a primeira geração dos Annales a partir dos anos 60 em que ocorre a “revolução documental”, que abrange novos documentos para o fazer historiográfico ao invés de apenas utilizar documentos ditos oficiais, além de incluir a forma como o historiador/a deveria ler o documento. Visto que esse documento não era mais portador da verdade, mas era um objeto que deve ser analisado de forma crítica e tentando perceber a intencionalidade da produção daquele documento. A partir desse movimento, surgiu tudo o que nós historiadores/as fazemos hoje, todos os nossos métodos, formas de ler os diversos documentos que possuímos, fazer relações interdisciplinares com outras áreas do conhecimento, criar hipóteses através do que os documentos nos mostram e os silêncios.

[...]O historiador deve assumir uma “atitude crítica”, que reúne credulidade e ceticismo. Ele deve ser um “crédulo cético”! O historiador não pode ser crédulo, pois lida com homens, cujas paixões e inteligência os tornam sempre estratégicos, manipuladores, disfarçados, atores. A credulidade em história é proibida. O historiador não pode também ser cético, pois destruiria o testemunho, para provar que é sempre falso, e não teria mais material para trabalhar. A atitude crítica, primeiro, é crédula, deve receber a informação, acolher o documento; depois, cética, deve duvidar, desconfiar, suspeitar, e processá-lo, elaborá-lo (Reis, 2011, p. 6-7).

Com a ampliação documental, o historiador/a observa a história em qualquer vestígio, a história se faz com documentos escritos, quando existem, mas ela pode e deve ser feita com todo tipo de material possível, como palavras, sinais, paisagens, pedras, telhas, entre outros materiais de pesquisa. Possuindo assim, uma gama diversa de documentos para exercer a sua função de pesquisador, os trabalhos historiográficos como este que estou produzindo, veiculam as ideias dos autores sobre o assunto X e que é o trabalho do autor/a Y, portanto o trabalho sobre o assunto X vai ser uma fonte sobre o autor Y e não sobre X, principalmente em História Antiga, que em alguns casos o único vestígio disponível são os escritos de um historiador/a da época ou um arqueólogo/a que escreveu sobre algum vestígio que por algum motivo foi destruído, como aconteceu com alguns vestígios que foram perdidos, quebrados, roubados, com a visita no Vale dos reis em 1902 por um advogado rico americano chamado Theodore Monroe Davis, lugar onde foi encontrado a tumba de Tutankhamon.

Estudar a Antiguidade é saber que nem sempre teremos fontes escritas e que teremos que uma vez ou outra dialogar com a Arqueologia, e decifrar o que aquele vestígio está querendo nos comunicar. Segundo o historiador François Cadiou (2007), os vestígios materiais da antiguidade chegaram até nós devido às condições de preservação, vinculadas ao suporte (como as tábuas de argila do Oriente Próximo), a um clima árido (como os papiros egípcios informando sobre a administração real dos lágidas, ou os arquivos privados da Grécia). Ele diz que o historiador/a do mundo antigo deveria contentar-se com fontes que não são arquivos, mas que eles podem extrair informações destes. Com a raridade de fontes sobre o mundo antigo, obrigou os historiadores/as a não negligenciar essas fontes, hoje em dia não se escreve mais a história antiga unicamente a partir de textos literários, a documentação atual abrange um conjunto da produção conservada das sociedades antigas que são as fontes materiais e as escritas. A primeira reúne todos os textos, como os pergaminhos, o papiro, a pedra, metal, madeira, entre outros. Já a segunda fonte, é mais abrangente e diz respeito a qualquer vestígio que seja concreto e que não seja textual, como as construções, objetos, iconografias, qualquer vestígio material deixado pelo homem.

[...] a maioria das fontes utilizadas pelo historiador da Antiguidade é fruto de um trabalho prévio: a filologia pesquisa e compara cópias diferentes de um mesmo texto antes de propor uma versão fidedel; a epigrafia permite decifrar e restituir inscrições resumidas ou deterioradas, e verificar sua autenticidade; a arqueologia descobre infra-estruturas e objetos. inserindo-os em seu contexto tipológico e estratigráfico para a datação e interpretação. O ideal seria o historiador dominar esses diversos campos (que designamos equivocadamente ele "ciências auxiliares"), mas o que ocorre na prática é uma colaboração entre os diversos especialistas. Tais fontes, uma vez comprovadas, passam por um importante trabalho de arquivagem (edições críticas, coleções museográficas, sítios arqueológicos preservados) a fim de garantir a conservação e o acesso à consulta (Cadiou, François et al., 2007, p. 122-123).

A Interdisciplinaridade é uma expressão que se refere ao diálogo entre as diversas disciplinas. Segundo José D'assunção Barros (2011, p. 95), a interdisciplinaridade refere-se à prática de no interior de um texto sobre alguma área do saber – no caso a História – ele faz diálogo com metodologias ou aportes teóricos apropriados de outras disciplinas, estabelecendo uma relação com outros campos de saber, enriquecer uma disciplina com pontos de vista oriundos de outras.

Durante o processo de narrativa histórica o historiador/a problematiza determinado tema, a partir do seu tempo presente e lugar social. Seguindo alguns métodos e se norteando a partir de questionamentos como: Qual o meu lugar social? Qual tempo histórico vou ter como base para minha pesquisa? Qual recorte temático? A partir disso, observar quais as principais

características ou principais princípios e ideologias presentes naquela determinada sociedade ou civilização? Sem colocar sobre essa sociedade as nossas atuais percepções e crenças sobre o mundo, além disso não podemos utilizar conceitos que não existiam na determinada época escolhida e devemos observar os aspectos socioculturais daquela sociedade.

A presente pesquisa se configura no campo da historiografia, fundamentada na área de História Cultural e dentro da História Cultural eu destaco uma personagem feminina e por isso eu considero que o meu trabalho é uma História das Mulheres, uma história sobre a mulher na antiguidade. Segundo o historiador Roger Chartier (1990), existe uma necessidade de buscar o social em conexão com as diferentes utilizações de equipamento intelectual e para dar conta disso, ele propõe um conceito de cultura enquanto prática e cria categorias de representação e apropriação em seu texto publicado na revista dos Annales número 6 em novembro/dezembro de 1989 do editorial da primavera de 1988, intitulado de “O mundo como representação”. Chartier conceitua a ideia de representação da seguinte forma:

Representação, segundo Chartier, pensada quer como algo que permite "ver uma coisa ausente", quer como "exibição de uma presença", é o conceito que o autor considera superior ao de mentalidade, dado que permite "articular três modalidades de relação com o mundo social": 1. O trabalho de delimitação e classificação das múltiplas configurações intelectuais, "através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos"; 2. As "práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição", 3. As "formas institucionalizadas e objetivas graças às quais uns 'representantes' (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (Vainfas, 1997, p. 154).

Dessa forma, Vainfas (1997) destaca que o conceito de representação de Chartier (1990) o social só faz sentido nas práticas culturais e as classes e grupos só adquirem alguma identidade nas configurações intelectuais que constroem, nos símbolos de uma realidade contraditória representada. As "representações" seriam um conjunto de códigos (símbolos, manifestações, valores, vínculos sociais, entre outros) que condicionam o comportamento humano e estruturam o imaginário da coletividade e do indivíduo. O texto de Chartier apresenta fundamentos teóricos muito importantes para os historiadores/as que se voltam para os estudos da História Antiga, isso ocorre devido a uma das maiores dificuldades do pesquisador/a da antiguidade, que é a distância do espaço-tempo-cultural entre o pesquisador/a e seu objeto, e a pouca quantidade ou má qualidade material da documentação escrita que chegou até os dias atuais. Com a ampliação do “arquivo do historiador” proposta por Lucien Febvre, a história pode ser escrita com qualquer

vestígio deixado pelo homem, a história se faz com documentos escritos e não escritos, Roger Chartier ampliou o conceito de fonte histórica, abordando em seus textos também as práticas culturais a qual estes estabeleciam ou se inseriam, as formas de produção, reprodução e recepção dos textos. Dessa forma, Chartier valoriza não só a materialidade, mas, também a oralidade, a forma de ler ou dizer sobre determinado assunto, que segundo ele, em alguns momentos da história e, em determinadas sociedades, foi utilizada para perpetuação do poder. A representação nas sociedades antigas, diz Chartier (1990, p. 186), era transformada em “uma máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta”.

Portanto, as representações sociais são construções do que uma determinada sociedade acreditava ser o “real”, através dos vestígios materiais e escritos daquela sociedade podemos observar por exemplo, como a elite do Egito Antigo era representada de acordo com os seus interesses e como eles queriam se fazer mostrar para a população. Aplicando este conceito ao Antigo Regime, Chartier diz que as formas de teatralização da vida social servem como exemplo de um tipo de perversão das relações de representação, pois, “todas visam, de fato, a fazer com que a coisa não tenha existência a não ser na imagem que exhibe, que a representação mascare ao invés de pintar adequadamente o que é seu referente” (Chartier, 1990, p. 185).

Em nosso texto iremos discutir sobre a representação historiográfica criada sob a imagem da Rainha Nefertiti da XVIII dinastia, analisaremos obras historiográficas e imagens dos monumentos construídos em sua época, e para analisar isso partiremos do conceito de "lugar social" de Certeau (2010), ao considerar que o trabalho do historiador/a é produto do meio em que vive, lugar social, cotidiano, e devemos observar o contexto em que aquela obra foi produzida, os autores escolhidos para compor o texto analisado, as escolhas teóricas-metodológicas dos autores e assim entenderemos as versões históricas construídas.

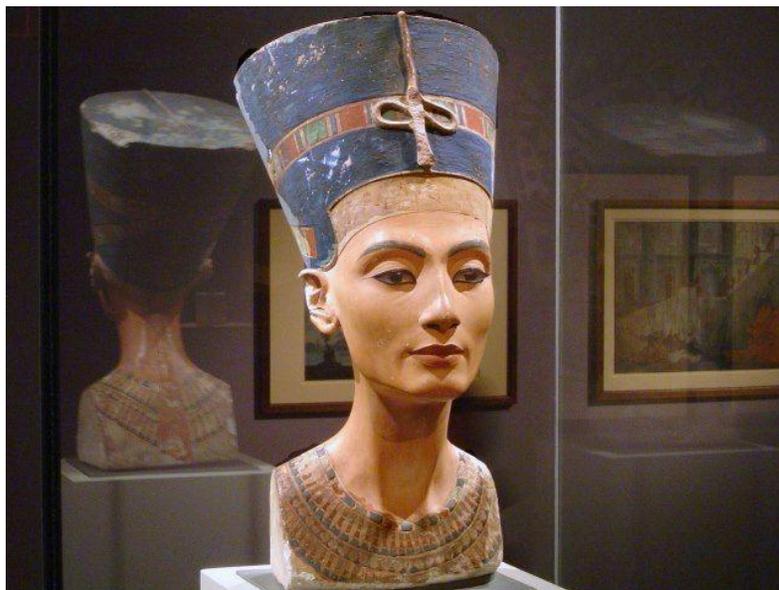
Conforme o historiador Vainfas (1997, p. 148-149), a chamada Nova História Cultural não recusa as expressões culturais das elites ou classes “letradas”, mas ela revela um apreço especial, da mesma forma que a história das mentalidades, pelas manifestações das massas anônimas, como afirma Peter Burke (2005) sobre História Cultural, a narrativa se volta para dar voz às pessoas comuns, histórias de vida e culturas de diferentes povos. Além disso, eles também possuem a preocupação em resgatar o papel das classes sociais, da estratificação, e mesmo do conflito social, o que a distingue da história das mentalidades. E para lidar com a dualidade elite

X popular, a História Cultural se tornou plural apresentando outros caminhos para a pesquisa historiográfica.

Dessa maneira, a minha pesquisa tem como foco uma personagem histórica feminina, negra e pertencente à elite do Egito Antigo. Por muito tempo as mulheres foram suprimidas da Historiografia, devido a história ter sido escrita pela visão misógina masculina, as mulheres da antiguidade egípcia se tornam presente na história devido aos poucos vestígios deixados em escritos e em materiais. De certa forma, é mais “fácil” discutir a história das mulheres da elite por terem mais vestígios que as mulheres anônimas, mas mesmo tendo mais vestígios, ainda sim, é um desafio, pois muitas fontes históricas foram perdidas ou ainda não foram encontradas.

Destaco a Rainha Nefertiti da XVIII dinastia, por ter sido uma importante rainha, o que se conhece é o seu famoso busto³ esculpido pelo artesão Tutmés (não se pode afirmar sua autoria, mas é aceita pelos egiptólogos/as atualmente), na qual a forma realista do busto revolucionou a maneira da arte egípcia.

Figura 01- Busto de Nefertiti



Fonte: Pinterest, 2023. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/2744449759447374/>. Acesso em: 23 out.

2024

³ O seu busto está atualmente localizado no Neues Museum de Berlim e faz parte da coleção do Museu Egípcio de Berlim, a escultura possui 50 centímetros. Foi encontrada em Tell el-Amarna a 6 de Dezembro de 1912 por uma equipa alemã dirigida por Ludwig Borchardt.

Mas poucos conhecem e escrevem de fato sobre a história dela, partindo dos mistérios e teorias sobre sua vida e buscando destacar ainda mais a sua importância e influência no Egito Antigo na XVIII dinastia, produziu esse trabalho utilizando a revisão bibliográfica para analisar como ela foi retratada por alguns historiadores/as. Antes é necessário elucidar algumas discussões sobre a História das Mulheres e principalmente sobre a história das mulheres no Egito Antigo.

2.1 SOBRE HISTÓRIA DAS MULHERES

2.2 A MAAT COMO CONDIÇÃO FEMININA

A categoria “mulher” possibilitaria não só discorrer sobre as diferenças, mas também aquilo que configurava uma semelhança entre as experiências delas na história. Já a categoria “mulheres” sofreu uma mudança na forma unívoca como era percebida até o final da década de 1970. As críticas vieram com o movimento feminista que se atentaram para o fato de não bastar apenas fazer a diferenciação entre mulheres e homens, mas também entre a diversidade de identidades que compunham esta categoria (Ladislau, 2022, p. 40).

Dessa forma, quando falamos sobre história das mulheres estamos englobando todos os tipos de mulheres que vivem ou viveram na sociedade e não apenas as que têm destaque na sociedade devido ao seu poderio econômico, nessa nova história está se fazendo cada vez mais a inclusão das mulheres trabalhadoras, pobres, negras, mestiças, homossexuais, asiáticas, indígenas, entre outras, cada vez mais surgem trabalhos que discutem sobre os papéis dessas mulheres na sociedade e período histórico que viveram, mesmo com a dificuldade de fontes.

Estudar sobre o gênero feminino na história ainda é um desafio, há uma dificuldade em registros devido elas não terem sido mencionadas durante muito tempo na história e algumas terem sido apagadas da história, o historiador que volta o seu olhar para o gênero tem que perceber os detalhes que envolve a história tentando encontrar pequenos vestígios destas mulheres. Como bem disse Lerner, “a questão é que homens e mulheres sofreram exclusão e discriminação por razões de classe. Mas nenhum homem foi excluído do registro histórico por causa de seu sexo, embora todas as mulheres o tenham sido” (Lerner, 2019, p. 25). A

historiografia dominada pelos homens por muito tempo compactuou para o apagamento delas como personagens históricas. A historiadora francesa Michelle Perrot discute sobre essa dificuldade de registro sobre as mulheres no campo da historiografia:

Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Escrever tal história significa levá-la a sério, querer superar o espinhoso problema das fontes ("Não se sabe nada das mulheres", diz-se em tom de desculpa). Também significa criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível (Perrot, 1995, p. 09).

Nessa citação Perrot, destaca que as mulheres são agentes historicizados que fazem parte da história do mundo e escrever a história das mulheres exige, dentre seus percalços, “provar e comprovar” que somos, como os homens, pessoas atravessadas de historicidade, igualmente constituídas em meio à experiência histórica, como integrantes da humanidade, também estamos presentes na história, fazemos história, escrevemos histórias (Muniz, 2018, p. 148).

No entanto, as mulheres foram oprimidas por muito tempo com os discursos misóginos que acreditavam que suas histórias não deveriam ser contadas e produziam uma desculpa como a frase que ela destaca: “Não se sabe nada das mulheres”, quando na verdade eles nem se importavam em falar ou procurar mais fontes sobre elas. De fato, não temos muitas fontes sobre as mulheres de todo o mundo, as mulheres do Ocidente tiveram boa parte da sua vida documentada e devido a isso temos mais vestígios e registros da sua história, outras mulheres como as da Ásia, África e Oriente Médio ainda se tem poucos registros e muitos foram perdidos ou ainda não foram encontrados para preencher as lacunas sobre a história dessas mulheres.

Tudo isso se torna ainda mais difícil quando estamos pesquisando sobre a História das Mulheres na antiguidade, não as mulheres Greco-latinas e sim as mulheres do Oriente Médio como as da Civilização Egípcia. Ainda estamos descobrindo mais sobre a história do povo egípcio, de fato hoje na historiografia já é existente um amplo campo de estudos, documentos e diversos vestígios deixados por essa civilização e que estão sendo documentados nos livros, artigos, documentários, vídeos curtos como o shorts do Youtube, reels do Instagram, Tik tok, podcasts, produções cinematográficas, etc. Observamos que a civilização egípcia desperta uma

grande curiosidade nas pessoas do mundo inteiro, principalmente nos historiadores/as, arqueólogos/as e egiptólogos/as que trabalham estudando esse período histórico e tudo isso por causa dos vestígios que essa civilização nos deixou, desde grandes monumentos, vasos, as incontáveis iconografias, entre outros. Entretanto, ainda é pequeno o número de fontes produzidas academicamente sobre as mulheres egípcias, dificultando assim abordagens sobre a temática que o historiador/a escolher e isso se torna ainda mais complicado quando pesquisamos sobre mulheres específicas como as rainhas, sacerdotisas, mulheres faraós, musicistas, vizir, as mulheres camponesas e escravizadas. Isso tudo pela falta de registro, mas conseguimos decifrar a história de algumas delas através da arte egípcia, só que ainda temos pouquíssimos registros sobre as mulheres que não participavam da alta sociedade.

Os estudos sobre as mulheres egípcias surgiram após as mudanças que ocorreram ao longo do século XX, as mulheres ganharam espaço e geraram uma revisão das regras tanto no passado quanto no presente, criando um novo entendimento sobre as contribuições femininas para a história, quem se dedica a estudar a história das mulheres egípcias terão que enfrentar algumas dificuldades como a ausência de pesquisas de autores/as brasileiros sobre determinado assunto, temos uma vasta produção acadêmica escrita por ingleses, franceses, americanos, mas trabalho brasileiros sobre as mulheres no Egito antigo ainda são escassos. Isso tudo contribui com a dificuldade na circulação de ideias sobre o papel das mulheres no Egito ou os trabalhos sobre alguma mulher específica como por exemplo: a rainha Nefertiti, objeto de estudo dessa pesquisa, ainda temos pouquíssimos autores/as brasileiros que se debruçam em sua história, o que dificulta a propagação da sua história no sentido acadêmico. A História do Gênero no Egito faraônico também apresenta poucos estudos, pois as pesquisas, até o momento, alteram-se muito mais para a História das Mulheres.

No livro *Women in Ancient Egypt* (1993), a historiadora Gay Robins - especialista em História da Arte Egípcia, gênero e sexualidade - destaca que escrever sobre a história das mulheres egípcias era importante, pois colocava elas em seu merecido lugar de destaque na história sem serem esquecidas. Contudo, para que esse assunto seja abordado diversos problemas devem ser apontados, a maioria desses problemas são compartilhados por todos historiadores/as, arqueólogos/as e egiptólogos/as em qualquer tema relacionado ao Egito Antigo. A primeira dificuldade que é mencionada por ela em seu livro são as fontes, sejam elas arqueológicas, textuais e iconográficas, muitas fontes foram perdidas, o que deixou inúmeras lacunas para o

conhecimento. De acordo com Robins, as práticas científicas utilizadas no passado também dificultam os estudos, pois não havia um registro completo da origem das fontes, muitos materiais considerados sem importância, na época de sua descoberta, atualmente podem fornecer muitos dados para uma pesquisa (Caria, 2013, p. 212). Um exemplo disso, são os materiais arqueológicos da KV-62 tumba de Tutankhamon em que muitos dos vestígios foram descartados por não acharem que era interessante, pois a arqueologia da época era muito diferente da que existe atualmente. As escavações eram financiadas por pessoas com mais poderio econômico que queriam encontrar ouro ou objetos raros para se vangloriar no período de crescente interesse pelo Egito, encontraram objetos arqueológicos preciosos no ano de 1902, mas descartaram, não cuidaram da forma correta e foram perdidos, apenas no ano de 1922 na região do Vale dos Reis, uma escavação financiada pelo advogado americano Theodore Monroe Davis foi encontrada a tumba do rei jovem Tutankhamon pelo arqueólogo Howard Carter e se tornou um dos maiores achados da história, pois foi a tumba que possuía mais monumentos conservados.

Outro problema que ela destaca em seu livro são as peculiaridades geográficas, segundo Robins (1993) as áreas férteis do Vale, e inúmeras regiões do Delta ainda não foram pesquisadas, devido ao custo e à dificuldade de exploração, cidades e vilas antigas nos dias atuais estão sob ocupações modernas o que inviabiliza o acesso para pesquisa nesta região. Esses problemas em geral são bem comuns quando estudamos o Egito Antigo, mas quando falamos sobre o aspecto da história feminina, a situação se torna ainda mais complicada. Segundo Robins (1993), os textos que eram escritos pelos escribas no Egito serviam mais como registros religiosos, estatais, legais, econômicos, a vida do faraó, dentre outros. Os escribas formavam a classe elitista masculina, e nos forneceram dados sobre regras gerais, mas muito pouco sobre as mulheres, já as representações iconográficas também foram planejadas e executadas pelos homens. Nas palavras da historiadora Gay Robins, há uma tendência dos egiptólogos a olhar o passado com a “visão ocidental”, portanto escrever sobre as mulheres antes do movimento feminista conduzia a outros caminhos, os quais eram criados pelo próprio lugar social que os egiptólogos estavam inseridos (Santos, 2013, p. 213).

Ela afirma que a nossa mentalidade atual muitas vezes é projetada no mundo egípcio, o que faz com que tenhamos dificuldade em tentar ler os vestígios deixados por eles. Robins (1993) ressalta que, ao verificar os trabalhos publicados, as mulheres são referidas como a “esposa perfeita”, ou a “mãe do lar”, passivas quanto à vida pública. Os assuntos eram sempre

direcionados para as vestimentas, a maquiagem ou a joalheria, temas que a sociedade moderna associa às mulheres (Caria, 2013, p. 212-213). Sendo que as mulheres egípcias não eram apenas “mãe do lar” ou “esposa perfeita”, elas não eram passivas.

No Antigo Egito as mulheres possuíam diversos direitos jurídicos e sociais quando são comparados com outras civilizações antigas e períodos históricos, isso é quase um consenso entre os historiadores/as. No entanto, se tratando de Estudo de Gênero ou História das Mulheres, as opiniões entre os estudiosos/as se divergem bastante.

De acordo com a historiadora brasileira Anna Cristina Ferreira de Souza (2012), podemos dividir essas opiniões em dois grupos: os que defendem que a mulher teve um papel de grande destaque no Antigo Egito e os que dizem que elas tiveram apenas um papel secundário. No primeiro grupo encontramos a afirmação de que o Estado egípcio via as mulheres como pessoas úteis fora do âmbito privado e garantia que estas fossem iguais aos homens perante a lei. Já o segundo grupo afirma que existia, sim, uma distinção de gênero na estrutura formal da sociedade e ressalta que as mulheres ocuparam uma posição secundária em relação aos homens.

De acordo com Robins (1993), o governo egípcio era majoritariamente constituído por homens, e a própria visão de mundo egípcia era masculina. Logo no início do texto, ela aponta a existência clara de uma distinção entre o homem e a mulher de acordo com a ocupação que cada um exercia na sociedade, fato que excluía a mulher de certas atividades. Em seu texto, muitas vezes ela não aprofunda os assuntos pela ausência de fontes, mas a autora claramente apresenta uma dificuldade sobre escrever a história das mulheres egípcias e sobre mais detalhes dos trabalhos desenvolvidos pela mulher daquela época, pois elas faziam parte de uma sociedade cheia de mistérios e que ainda não é totalmente entendida. Classificando a posição social das mulheres no Egito, e segundo a sua análise: “entre as mulheres mais privilegiadas, os títulos podem refletir tanto uma posição conquistada ou refletida a partir da posição do marido; no grupo seguinte, reunindo mulheres comuns, os títulos referem-se a uma posição verdadeira; e entre as mulheres mais humildes, tais títulos são menores e refletem atividades simples” (Santos, 2013, p. 219). Segundo Robins (1993), o Egito antigo era feito por homens, por isso não se deve confiar totalmente nas fontes que encontramos e nem interpretá-las como algo absoluto, e muito menos interpretá-las com as nossas concepções atuais e isso ela destaca durante todo o seu livro.

Observa-se que quando voltamos o nosso olhar para as classes menos favorecidas do Egito, a maioria da população não sabia ler nem escrever e os seus enterros não nos são

suficientemente conhecidos para poder saber mais sobre essas pessoas, diferentemente da elite que registrava tudo e a partir desses registros conhecemos um pouco sobre essa civilização. A insuficiência de fontes sobre as classes menos favorecidas advém a partir do que a elite produziu a respeito dessas classes, as cenas de diversas atividades comuns realizadas por eles não retratam de fato o que ocorria e estão longe de ser representativas, pois há quase uma total ausência da mulher comum, devido as cenas terem sido produzidas por homens.

Em contraponto a teoria de Robins (1993), sobre as mulheres e homens terem distinção com relação a ocupação que eles obtinham na sociedade, a historiadora Anna Cristina (2012) nos afirma que de fato, não podemos negar que as mulheres realizavam atividades fora de casa, apesar de termos poucas imagens das mulheres em atividades agrícolas, as mulheres assumiram funções estatais (com maior frequência no terceiro milênio, a Idade do Bronze médio na IV Dinastia), incluindo as funções sacerdotais, as mulheres podiam herdar bens, tinham direito a iniciar o divórcio e transmitiam o direito de legitimidade na família real (outra discussão que teremos mais a frente, devido às divergências nas teorias dos egiptólogos). Segundo a autora, devemos nos questionar se realmente as mulheres egípcias, mesmo tendo oficialmente igualdade jurídica, exerciam ela de fato integralmente? Apesar dos estudos apontarem opiniões tão controversas, os autores tratam a sociedade egípcia como se esta fosse dividida em categorias distintas separadamente.

A autora traz uma outra forma de pensar as relações entre os homens e as mulheres egípcias, segundo ela essa visão separada entre os sexos trazendo uma dualidade entre inferior/superior não condiz com o *pensamento monista* egípcio, pois eles observavam o mundo como uma unidade com todas as outras coisas ligadas entre si para manter o equilíbrio do Maat (deusa da ordem-verdade-justiça-equilíbrio e filha do deus solar Rá) e da sociedade. Esse pensamento emprega, muitas vezes, a oposição masculino/feminino como categoria dinâmica, um complementa o outro se tornando uma síntese unitária e, conseqüentemente, chegam ao equilíbrio cósmico, sem a ver uma separação e discriminação de um em detrimento do outro. Esse argumento é reforçado pelo mito de criação da cidade de Heliópolis:

[...] nas águas caóticas e inertes do início dos tempos, antes da intervenção do deus criador, já existiam quatro casais que apareciam como um potencial latente de movimento e transformação. Mediante a ação do criador, surgiu o primeiro casal divino, Shu e Tefnut, que por sua vez deu origem a outro par, Geb (terra) e Nut (céu), os quais por sua vez produziram Ísis, Osiris, Seth e Néftis. Podemos observar nesse mito que o

universo tomou forma através da interação desses pares de deuses que representavam o masculino e o feminino. Além disso, o mundo divino, de acordo com o pensamento religioso, era habitado por outras inúmeras divindades femininas, a quem eram prestados cultos (Sousa, 2010, p. 30).

Com base nessa teoria a autora Souza (2012), pode-se definir a existência de um princípio único que delimita o que cabe à esfera do masculino e feminino e este deve ser seguido por todos homens/mulheres, deuses/deusas e reis/rainhas. O papel das mulheres seria gerar, regenerar, curar, manter o equilíbrio, dar a vida, proteger e ocultar, já o papel dos homens, estariam destinados às funções de julgar, guerrear, conduzir (governar), contribuir com sua semente para gerar a vida e iluminar (que se relaciona a figura do deus Rá), (Souza, 2012, p. 38). Esse princípio emprega a complementaridade dos sexos, estabelecendo a similaridade entre ambos, garantindo o equilíbrio, a ordem, a verdade e a justiça que analisando os indícios expostos anteriormente, vê-se que a chave da questão se encontra na equiparidade entre os sexos e não na divisão de inferior ou superior, primária ou secundária, como muitos autores têm apontado.

Portanto, partindo do pressuposto de Robbins que não devemos olhar para o passado com a visão de mundo ocidental e concepções atuais trazendo a ideia de rivalidade, diferenciação ou subordinação do sexo feminino ao masculino para as disposições dos sexos no Egito Antigo, como observamos nos dias atuais, a autora Anna Cristina Ferreira de Souza (2012) nos traz uma teoria que pode ser mais aceitável seguindo como base de que a sociedade egípcia é totalmente organizada pela religião e dessa forma encarando o mundo com os olhos deles a teoria monista, faz com que ambos os sexos colaborem para o equilíbrio do cosmos, criando a harmonia para não ter um desequilíbrio produzido pela deusa Maat (deusa da ordem-verdade-justiça-equilíbrio e filha do deus solar Rá) e esse desequilíbrio traria desgraça para a sociedade. Obviamente isso não retira o fato de que o pensamento monista não invalida a presença de hierarquia dentro da estrutura social, os homens obtiveram mais espaços que fizeram com que eles tivessem mais domínio sobre a história do Egito, principalmente quando observamos os vestígios históricos, estes não esclarecem até que ponto as ideias mostradas nas tumbas e inscrições representadas de fato eram compartilhadas pelas pessoas mais humildes e a não inserção das classes menos favorecidas e das mulheres nas fontes é de se questionar. Portanto, o questionamento que fica é: Até que ponto as mulheres poderiam exercer essa igualdade jurídica?

A partir do que foi exposto, podemos afirmar que existe uma grande diferença entre as profissões exercidas por mulheres do terceiro e segundo milênio, e a partir do segundo milênio houve uma diminuição das possibilidades profissionais mais altas para as mulheres (mesmo tendo as exceções, algumas mulheres obtiveram um cargo profissional elevado nos outros períodos do Egito). Segundo Souza (2012, p. 38), este fato se deve, possivelmente, pela instabilidade ocorrida no país, pois após sua reestruturação na XVIII dinastia, como vimos anteriormente, as mulheres assumiram importantes funções estatais.

Antes de mais nada, devemos explorar um pouco mais as atividades e direitos que as mulheres do antigo Egito possuíam, o que faz com que elas sejam diferentes das outras mulheres em determinados períodos históricos. As mulheres desempenharam um papel de igualdade política e religiosa em certas civilizações, a sociedade egípcia, por exemplo, seguia um modelo social em que as mulheres participavam ativamente de todas as atribuições que lhes eram conferidas. Na hierarquia divina egípcia, isso se repetia com as deusas desempenhando papéis de suma importância, como por exemplo, no livro dos Mortos vemos as deusas Ísis (a deusa mais poderosa e cultuada do Egito antigo, esposa-irmã de Osíris e mãe de todos os faraós) e Néftis (deusa maga, com poderes de cura, era irmã de Ísis, Osíris e esposa-irmã de Seth), do lado de Osíris no julgamento da alma, o que deixa claro que este não poderia se realizar na ausência delas (Souza, 2012).

As mulheres do Egito antigo desempenhavam diversas atividades fora do lar, como como música, dança, fiação, tecelagem, moagem, e também em trabalhos menos envoltivos como a preparação de alimentos, produção artesanal e produção agrícola (Santos, 2013, p. 219). Algumas mulheres se tornaram escribas, faraó, vizir, sacerdotisa (durante um período do Egito teve uma ausência de sacerdotisas em certas posições nos rituais, o que é vista pela egiptóloga Gay Robins (1993), como um reflexo da supremacia masculina, essas mulheres continuaram ligadas aos templos só que com outra ocupação: musicistas) elas exerceram funções na medicina, como mordoma real e até se tornaram juíza. Como é destacado pela egiptóloga francesa Christiane Desroches Noblecourt (1994), um exemplo de mulher que se tornou juíza e vizir da VI Dinastia, o nome dela era Nébet (segunda sogra do faraó Pépi I), ela afirma que talvez ela tenha alcançado este posto por ser de uma família muito poderosa. Lembrando que mesmo elas possuindo influência fora do lar, os trabalhos de mais prestígio, como os trabalhos comerciais, administrativos e religiosos eram designados apenas para as mulheres que tinham um lugar mais

elevado na hierarquia egípcia. Porque, mesmo possuindo uma influência fora do lar doméstico, as que chegaram a cargos importantes geralmente eram aquelas que estavam em um lugar mais alto na hierarquia do Egito (Wiedemann, 2007), Robins (1993) aponta que a vinculação do trabalho feminino era relacionada ao status do marido e que tal distinção também ocorre nas classes mais baixas.

As mulheres tinham direito à posse de terras e propriedades, observamos isso desde o início do Reino Antigo (2575-2134 a.C.), homens e mulheres podiam possuir bens próprios. Segundo Sousa (2010, p.30), o casamento para os egípcios era um ato social, não era consagrado por nenhuma sanção ritual ou administrativa. Contudo, mesmo não sendo em si um ato jurídico, o casamento obtinha consequências econômicas ligadas a questões como legitimidade, herança e sucessão. Com o casamento, os bens da esposa e do marido permaneciam distintos. Dessa forma, os filhos herdavam a herança tanto do pai quanto da mãe, o que é atestado por inscrições da III e V dinastias que mostram homens recebendo propriedades como herança de suas mães. Nem a esposa e nem o marido herdavam os bens um do outro, estes eram transmitidos apenas aos filhos e, caso estes não existissem, os parentes da pessoa falecida se tornava o beneficiário dos bens. Porém, existia uma exceção: as mulheres podiam administrar a herança que foi dada pelo marido falecido no caso de menoridade dos filhos e seja ele menino ou menina herdavam em igualdade de condições, isso se os pais estabelecessem outras condições quando vivos.

De acordo com o historiador brasileiro Ciro Flamarion Cardoso (2003, p. 95-96), as mulheres não só podiam adquirir bens, como também poderiam gerar riquezas no interior de suas casas. Segundo afirma Sousa (2010, p. 30-31), quanto às questões de ordem legal, algumas fontes provenientes do Reino Médio nos indicam que as mulheres podiam agir em justiça. Elas poderiam se apresentarem como uma pessoa que move uma ação judicial contra alguém, as egípcias também atuavam como defensoras e testemunhas igualmente como os homens, o que não ocorria em outras culturas e em que era necessária a existência de tutores (masculinos) para as mulheres como forma de invalidação de sua capacidade de recorrer a algo e como ato de subordinação ao homem.

A egiptóloga Gay Robins (1993), relata que os indivíduos comuns nem sempre eram protegidos enquanto que as pessoas que possuíam altos cargos e títulos recebiam privilégios (isso ainda ocorre em nosso século XXI), na sociedade as mulheres egípcias da elite eram tratadas igualmente aos homens, mas nas classes inferiores isto nem sempre ocorria. As mulheres do

antigo Egito, detinham a possibilidade de controlar suas próprias ações, dessa maneira, elas também podiam ser responsabilizadas pelas suas ações, sofrendo métodos de interrogatório e castigo próximos aos dos homens. A posição sociocultural feminina egípcia destacava-se pela liberdade comparada com outras sociedades, elas poderiam queixar-se sobre maus-tratos cometidos pelo marido, podendo até solicitar o divórcio sem a permissão dos pais ou de seu companheiro. A iniciativa do divórcio poderia ser tanto masculina quanto feminina, porém, provavelmente este teve baixa incidência em virtude das pesadas compensações econômicas garantidas à parte repudiada (Caria, 2013, p. 94).

Sobre a iconografia e os ritos funerários, de acordo com o historiador brasileiro Júlio Gralha, de um modo geral é possível percebermos que na iconografia o homem na maioria das vezes é representado em uma posição de destaque em relação a mulher, estando a frente seja na posição em pé ou sentado, sendo ele também o proprietário da tumba. (Gralha, 2006, p. 64)

Isso se modifica na XVIII dinastia, em que alguns reis deram destaque a suas esposas de forma relativamente equiparada ou totalmente equiparada a ele, e a exemplo disso temos Hatshepsut a rainha-faraó (1479 a.C.-1458 a.C.) ela é uma grande exceção porque ela se tornou faraó e por isso deveria ser representada como tal (e o posto de faraó era determinadamente masculino, ele é o representante do deus Hórus na terra), a rainha Tiye grande esposa real do faraó Amenhotep III (1390 a.C.-1352 a.C.) e também temos a rainha Nefertiti, grande esposa real do faraó Amenhotep IV (Amenófis IV ou Akhenaton, que reinou nos anos de 1352 a.C.-1336 a.C.), com base na pesquisa do livro “Nefertiti: Sacerdotisa, Deusa e Faraó” da historiadora Anna Cristina Ferreira De Souza, de acordo com Souza (2012) ela é representada pelo menos umas 4 vezes (porém só consegui 3 imagens) sendo totalmente equiparada a posição do rei ou sendo próxima a ele, como é demonstrado nas figuras abaixo de acordo com o que a autora expõe em seu livro:

Figura 02- Anel com imagens de Akhenaton e Nefertiti como Shu e Tefnut.⁴



Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/544679> Acesso em: 19 jul. 2024.

⁴ Anel datado do ano de 1353-1335 a.C. (com 2,5 cm de alt. e 2,5 cm de diâm.), à cima do casal está o disco solar Aton, no lado direito encontra-se Nefertiti usando uma coroa plana com a pena dupla e segurando uma flor de lótus (símbolo do renascimento) e no lado esquerdo temos Akhenaton. Nesta imagem eles estão sendo representados de frente no mesmo tamanho (Souza, 2012, p. 121).

Figura 03- Estela de Amarna⁵

Fonte: <https://bajoelsignodelibra.blogspot.com/2010/02/akhenaton-y-semenejkara-un-misterio-en.html>

Acesso em: 19 jul. 2024.

⁵ Estela feita em pedra calcária, com 21 X 16 cm. Mostra duas figuras que se encontram em um gesto de carinho, à frente tem uma mesa de oferendas e acima o disco solar levando *ankh* (chave da vida) às narinas de ambos. Possui uma inscrição que diz: “*nomes de quem foi coroado, meu equivalente*”, a dificuldade de identificar as figuras deve-se ao estilo de arte andrógino amarniano e Nefertiti seria a figura do lado esquerdo, já que abraça a pessoa do lado direito como um tipo de gesto feminino. Contudo, sugere-se também principalmente devido a inscrição que seja Akhenaton e o seu corregente (que nesse caso segundo a Anna Cristina seria a rainha Nefertiti), mas alguns egiptólogos dizem que seja Smenkhkare (Souza, 2012, p. 127).

Figura 04- Fragmento de um relevo (talatat)⁶

Fonte: SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. Nefertiti: sacerdotisa, deusa e faraó. São Paulo:

Madras, 2012. P. 134.

Antes de irmos para o próximo tópico desse texto, quero destacar como era a mumificação para as mulheres e também discutir sobre a legitimidade do trono ter sido passado pela linhagem feminina. Durante a XIX dinastia (1307- 1196 a.C.) o processo de mumificação para as mulheres era igual aos dos homens, as tumbas eram compartilhadas com seus maridos ou pais, pois não existiam fora da família real tumbas exclusivamente femininas (Oliveira, 2005, p. 65). A egiptóloga Gay Robins (1993), também descreve que nos ritos funerários desde a época pré-dinástica, a existência de uma igualdade entre os homens e as mulheres na hora da morte. Ela tem como base os dados referentes à classe dos escribas e no seu texto traz informações sobre três períodos: os reinos Antigo, Médio e Novo. Apresentando pequenas diferenças entre os gêneros no tratamento do corpo, nas cerimônias e na disposição de bens na tumba, existem diferenças no equipamento funerário de um casal, o do homem, é mais rico, além de sua tumba apresentar portas-falsas e estelas funerárias, onde apresenta seu significado e desenvolvimento através da história egípcia (Santos, 2013, p. 222). Como dito anteriormente, os equipamentos funerários masculinos eram mais ricos, porque ele era o proprietário da tumba, existe a ausência de capelas pessoais para as mulheres, o que segundo Robbins isso é um indicador de

⁶ Talatat feito com pedra calcária, mostra Nefertiti e Akhenaton participando da construção de um pódio em um dos templos de Aton. No lado esquerdo Nefertiti apenas observa e os dois são representados na mesma escala (Souza, 2012, p. 134).

desigualdade, já que o privilégio era somente conferido à burocracia masculina (Santos, 2013). Além disso, ficava conferido ao homem prover o funeral, e todos os objetos e equipamentos, para o funeral de sua esposa e isso é confirmado através das estelas funerárias, encontradas em tumbas ou capelas, do Livro dos Mortos, e de demais artefatos funerários.

Com relação a **transmissão do direito de legitimidade na família real ter sido possivelmente feito através da linhagem feminina**. Existe uma hipótese que alguns egiptólogos/as e historiadores/as acreditam, para eles a legitimação do trono era conferida através da linhagem feminina, a historiadora Anna Cristina (2012) nos explica o porquê dessa hipótese, destacando a importância do papel das rainhas e outras senhoras reais (mulheres da nobreza) para legitimação do trono do faraó ter tido relação com a linhagem feminina e isso explicaria a elevação de alguns faraós como a faraó Hatshepsut⁷. Além disso, ela destaca que as mulheres obtiveram uma crescente importância na XVIII dinastia com mulheres que se tornaram faraós e rainhas que tiveram grandes influências diplomáticas, políticas e religiosas.

De início Souza (2012), relata que a primeira a conquistar uma posição elevada na XVIII dinastia foi Ahhotep, mãe do faraó Ahmose e esposa do faraó Sekenenré. “Ao que parece, a rainha Ahhotep assumiu as rédeas do governo após a morte súbita de seu marido e ascensão de seu filho ainda muito jovem para governar. Apesar da conjuntura crítica de seu governo, a rainha conseguiu manter a ordem banindo os rebeldes e pacificando o Egito” (Souza, 2012, p. 39). Outra mulher que foi uma das pioneiras a serem valorizadas na XVIII dinastia, foi a rainha Ahmose-Nefertari, nora de Ahhotep, primeira rainha da XVIII dinastia e provavelmente prima ou irmã do seu esposo Ahmose. Ela obteve uma posição de destaque no culto tebano do deus Amon (o deus magnífico, deus do sol e do ar, e senhor do trono do duplo país), no tempo de Ahmose-Nefertari ele já tinha alcançado uma posição privilegiada em relação aos outros deuses com a sua assimilação ao deus Rá do mito heliopolitano, tornando-se agora o deus supremo Amon-Rá de Tebas.

Na estrutura governamental egípcia, o faraó é a representação de deus na terra, portanto ele possui uma ascendência divina, se tornando filho de Rá isso de acordo com o mito cosmológico de Heliópolis, o faraó a partir de sua coroação se tornaria a figura de Hórus (filho

⁷ Para saber mais sobre a história da Rainha-Faraó Hatshepsut, consultar: CRUZ, Alicia de Oliveira da. Uma análise historiográfica sobre a faraó Hatshepsut e sua legitimação ao trono egípcio por meio da teogamia do seu nascimento divino durante a XVIII dinastia. 2023. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2023.

de Ísis e Osíris). Para assumir o trono ele precisaria ser filho do rei e também ser filho de uma princesa de sangue real, quando o candidato a faraó não possui esses atributos para assumir o trono, a legitimação seria feita por meio da ficção, pelo mito da teogamia (história criada que o deus gera pessoalmente o soberano por meio de sua mãe terrestre), ou um oráculo da divindade anuncia, por intermédio de um sacerdote, que o candidato ao trono é seu filho, ou ainda mediante o apoio político do sumo sacerdote do deus (esse último caso, fez com que o clero de Amon-Rá se tornasse cada vez mais poderoso politicamente e rico graças às doações decorrentes de tais favores), (Souza, 2012, p. 24). Segundo a historiadora Souza (2012, p. 53), o faraó seria o elo de integração entre o mundo divino e o humano, é o deus encarnado e no ato da coroação sua legitimidade como filho de deus é projetada no passado criando o seu mito de origem:

Então, Amon - o deus magnífico, senhor do trono do Duplo País, transforma-se e assume a aparência de sua majestade (...), o esposo da rainha. Ele a encontrou enquanto ela dormia, na beleza de seu palácio. A Majestade desse deus fez tudo o que desejava, [Ahmose] proporcionou-lhe gozo e o abraçou (...) (Noblecourt, 1994, p. 154).

Como bem é observado na citação acima, o deus Amon-Rá mantinha relações com a rainha na forma de seu esposo e assim nasce o filho divino do rei (o novo faraó), segundo Anna Cristina (2012, p. 39) Ahmose-Nefertari assumiu o cargo de "Esposa do Deus" antes de se casar com Ahmose, era uma função sacerdotal exercida por mulheres da alta nobreza, que talvez fossem virgens e eram chamadas de as "Divinas Adoradoras" (duat netjer). O matrimônio de uma sacerdotisa com o deus perpetuava o mito cósmico, além disso, mantinha relações com a ideia da monarquia divina e legitimação do faraó, portanto todas as rainhas deveriam ser "Esposa do Deus" e isso era indispensável na XVIII dinastia.

A partir disso, a rainha passou a assumir diversas atribuições tendo o poder de transmitir o ofício de "Esposa do Deus" e todos os bens que isso implicava, às suas futuras herdeiras, perpetuamente (Souza, 2012). A posição que Ahmose-Nefertari conquistou, não tinha apenas um caráter religioso, ele era também um poder político, ela tornou-se referência para as rainhas que viriam nessa dinastia e ser sua herdeira dava legitimidade às futuras rainhas. A partir de Ahmose-Nefertari, o faraó teria uma linhagem dupla, como filho do deus, por intermédio da "Esposa do Deus" Amon, e como filho carnal do faraó, que também é filho do deus, as rainhas e princesas da XVIII dinastia conseguiram alcançar um status bastante elevado durante esse período (Souza, 2012, p. 39). Essa importância dada ao cargo de "Esposa do Deus" fez com que

as rainhas ou princesas que o detinham pudessem reivindicar seu lugar de importância na sucessão do trono e isso possibilitou a ascensão de algumas mulheres como rainha-faraó, como Hatshepsut, uma rainha que era descendente de Ahmose-Nefertari e que se tornou faraó, através dela e principalmente pelo mito da teogamia.

Diferentemente da historiadora Anna Cristina (2012), a egiptóloga Gay Robins (1993) não acredita que essa hipótese de legitimação ao trono era conferida através da linhagem feminina, ela diz que “esta linhagem não existe” e comprova através de um estudo detalhado que existiram rainhas de origem real e não-real, provando a existência de ambas no poder, fato que contradiz a hipótese acima. Porém se pararmos para analisar, o que a historiadora Anna Cristina nos traz, explica um pouco sobre a teoria da legitimação do trono pela linhagem feminina, porque através de Ahmose-Nefertari as rainhas recebem o título real de “Esposa do Deus” e “Herdeira” de Ahmose, a partir desses títulos que ganharam muita importância na XVIII dinastia, as rainhas também poderiam reivindicar seu direito na sucessão do trono ou na legitimação do seu filho como faraó em conjunto com o mito de origem.

É claro que Robins (1993), nos mostra um ponto importante que é a ascensão de rainhas de sangue real e não real no poder e nos traz o exemplo da principal esposa de Amenhotep III, a rainha Tiye que não possuía descendência real e nem o título de “Esposa do Deus”, mas por causa de sua influência ela promove o culto a rainha Ahmose-Nefertari, que de acordo com alguns egiptólogos pode ter sido sua descendente direta ou adotada por alguém que era de fato descendente de Ahmose-Nefertari e para Tiye ser legitimada como rainha ela teria que apresentar uma ligação com Ahmose-Nefertari. Além disso, com a chegada de Amenhotep III no poder muitas coisas no Egito irão mudar e ele começou trazendo uma plebeia para se tornar a grande esposa real, o que mudava essa ordem de sucessão das rainhas criadas desde Ahmose-Nefertari e os reinos posteriores a ele também trariam muitas modificações para o Egito.

Conclui-se portanto que as mulheres egípcias não eram nem adversárias nem rivais dos homens, mas existia sim um privilégio masculino na sociedade. No período egípcio as mulheres eram permitidas a desabrochar como esposas, mães, trabalhadoras e iniciadas nos mistérios do templo, sem perderem a sua identidade a favor dos homens, era um mundo em que o domínio do sagrado estava praticamente em suas mãos e a sua colaboração para a sociedade mantinha o equilíbrio cósmico egípcio. E ao desenvolvermos um estudo voltado para a problemática feminina, não devemos encarar as mulheres egípcias como um grupo homogêneo, já que as

mulheres da elite tinham amplos direitos legais e isso pode não ter ocorrido com as mulheres comuns, além disso também não devemos encarar o mundo egípcio com os nossos olhos e colocar nossas interpretações por cima da visão de mundo deles, devemos tentar pelo menos com o mínimo de fontes interpretadas procurar entender com os olhos de sua época.

3 SOBRE OS AUTORES

Nessa pesquisa, alguns autores/as colocaram-se como referência para o embasamento desta pesquisa, eles/elas são interlocutores essenciais para o desenvolvimento do trabalho e para isso utilizarei como base três obras principais: a obra *“Akhenaton e Nefertiti: O casal solar”* (1978) do escritor e egiptólogo francês Christian Jacq, o livro da historiadora brasileira Anna Cristina Ferreira de Souza intitulado de *“Nefertiti: Sacerdotisa, Deusa e Faraó”* (2012) e o livro da egiptóloga britânica Joyce Ann Tyldesley *“Nefertiti’s Face: The Creation of an Icon”* (2018). Impulsionando a figura da Rainha Nefertiti como símbolo forte feminino, desmontando a visão patriarcal da história trazendo uma história centrada no feminino para mostrar o poder da mulher na antiguidade.

Antes de adentrarmos nas discussões de fato, é de extrema relevância descrever um pouco da trajetória pessoal de cada autor e principalmente sobre as suas produções historiográficas referente a Rainha Nefertiti. A maioria dos autores utilizados no presente artigo são denominados de egiptólogos/as, profissionais do ramo da História Antiga que se dedicam aos estudos da civilização egípcia e abrange áreas como a História da arte, Arqueologia e Antropologia. De acordo com a autora Patrícia Lima (2021), “o egiptólogo é o estudioso da cultura egípcia que busca decifrar alguns mistérios do Egito Antigo. Mistérios estes que estariam cifrados por uma cultura, uma arquitetura, uma arte, uma língua que ainda não se permitiu ser totalmente interpretada. “(p. 5)

O primeiro autor que obtive contato a respeito da personagem histórica Nefertiti, foi através do escritor e egiptólogo francês Christian Jacq pela sua obra *“Akhenaton e Nefertiti: O casal solar”* (1978). Jacq nasceu em Paris no ano de 1947, sua paixão pelo Egito Antigo começou desde a infância com os livros do historiador Jacques Pirenne, juntamente com o seu fascínio pela escrita romântica e poética (isso fica evidente durante a leitura de suas obras, tornando a

leitura compreensível e agradável). Jacq estudava Filosofia na Universidade de Paris, quando decide mudar de curso para se aprofundar em Egptologia e Arqueologia tornando-se bacharel, mestre e doutor em egptologia defendendo a tese “*The Journey through the Netherworld as Perceived in Ancient Egypt: the Trials and Metamorphoses of Death According to Inscriptions Found in Pyramids and Sarcophagi*” (1986). Seu primeiro livro foi publicado quando tinha apenas 21 anos e consistia de um estudo das relações entre o Egito Antigo e a Idade Média. Além da carreira acadêmica, em que escreveu diversos artigos sobre a cultura egípcia, entre os anos de 1995 e 1997 ele publica sua coleção de cinco livros sobre o faraó Ramsés II, um de seus personagens favoritos da história egípcia. Ele é considerado um autor moderno, um romancista histórico e tem êxito na união literária no estilo novelístico com a história egípcia. Ele em conjunto com sua falecida esposa fundam o Instituto Ramsés, que tem o intuito de criar descrições fotográficas do Egito para a preservação de sítios arqueológicos em perigo e atualmente é um Instituto que possui a maior coleção de fotografias do Antigo Egito. Ele dispõe mais de 50 obras publicadas, alguns de seus livros foram traduzidos para o português como: *Akhenaton e Nefertiti: O casal Solar* (1978), *As egípcias: Retratos de Mulheres do Egito Faraônico* (1998) que é focado na história das mulheres egípcias inclusive em um dos capítulos é destacada a figura da Rainha Nefertiti ao que me parece ser um resumo da sua história destacando pontos importantes da sua vida, *A rainha do sol* (1999), *A sabedoria viva do antigo Egito* (2000), *Pedra da luz: Nefer, o silencioso* (2000), também temos *O Egito dos grandes faraós* (2007), dentre outros.

A obra que utilizaremos durante essa pesquisa foi publicada no ano de 1978, intitulada de *Akhenaton e Nefertiti: O casal Solar* com tradução de Atílio Cancian, é uma obra dividida em cinco partes que vai lançar luz (palavras do próprio Jacq) sobre a nossa visão referente a obra de Akhenaton no Egito Antigo, destacando desde as descobertas teóricas mais antigas sobre o faraó e sua reforma até as suas próprias hipóteses, ele busca fazer com que conheçamos profundamente a origem do pensamento de Akhenaton, suas influências político-religiosas, tentando desvendar o mistério acerca desse período como uma investigação policial (Jacq, 1978, p. 13).

Durante todo o seu livro ele destaca as principais mulheres que fizeram parte da vida de Akhenaton, a sua mãe rainha Tiye e a sua esposa Nefertiti, que apesar do livro levar também o seu nome sinto que a obra foca muito mais em Akhenaton juntamente com sua reforma religiosa

e destaca Nefertiti em um capítulo curto de sete páginas localizado na segunda parte do livro, isso pode ter ocorrido devido às lacunas ainda existentes envolvendo a sua história. Ele destaca Nefertiti algumas vezes em outros capítulos apenas citando de forma rápida a parte da discussão do pensamento da reforma religiosa e a arte. Contudo, essa é uma produção muito bem escrita, mas que utiliza apenas referências masculinas da Arqueologia e Egíptologia como o britânico John Pendlebury, o egiptólogo Cyril Aldred, o inglês Flinders Petrie, Bernard Pierre, entre outros. As obras que pude ter contato como *As egípcias: Retratos de Mulheres do Egito Faraônico* (1998) e a que analisaremos mais adiante, por mais que destaque a figura feminina do Egito Antigo ela ainda é pautada por referências bibliográficas masculinas, em nenhum momento ele profere frases sexistas, mas destaca apenas autores homens durante o seu texto o que é compreensível por ele estar discutindo teorias arqueológicas iniciais do descobrimento dos vestígios. Entretanto, durante os anos de publicação dos seus livros algumas das principais referências femininas da Egíptologia já haviam produzido os seus estudos sobre o feminino no Antigo Egito como a francesa Christiane Desroches-Noblecourt e Gay Robbins, principalmente discutindo a importância do feminino no Egito contribuindo para a História das mulheres egípcias, algo que Jacq também faz porém ele discute a história em si e muitas vezes não produz críticas ou teorias como as egiptólogas.

Durante o capítulo referente a Rainha Nefertiti, ele a destaca como uma das maiores rainhas do Egito, discute a sua origem, importância e influência no reinado de Akhenaton descrevendo os aspectos políticos e religiosos que ela desempenha, e por fim ele discute o seu desaparecimento dos registros históricos discutindo três principais hipóteses que iremos descrever alguns capítulos a frente.

A outra obra em que pude conhecer um pouco mais da história da Rainha Nefertiti, foi através do livro da Anna Cristina Ferreira de Souza intitulado de *“Nefertiti: Sacerdotisa, Deusa e Faraó”* (2012). Esse livro é derivado de sua dissertação de Mestrado *“Nefertiti: Sacerdotisa, Deusa e Faraó. Androginia e Poder nas Imagens de Amarna”* (2003), orientada pelo professor e historiador Ciro Flamarion Cardoso, passando de uma linguagem estritamente acadêmica para uma linguagem didática e acessível ao leitor.

Sobre a biografia da autora Anna Cristina, não encontramos muitas informações, mas apenas o necessário para sabermos um pouco sobre sua vida acadêmica. Anna Cristina nasceu na cidade do Rio de Janeiro, estudou na Faculdade de História da Arte, na UERJ, em 1993 e na

Uni-Rio ela cursou uma pós-graduação em Educação Estética e, ao terminar, ingressou na UFF, onde fez pós-graduação em História e Cultura Antiga. Ingressou no programa de mestrado da UFF, no curso de História Social, em que se dedicou aos estudos das questões de gênero e poder no Antigo Egito. Segundo informações publicadas em seu livro, no ano de 2012 ela estava trabalhando como professora de História da Arte, ela também é artista plástica com trabalhos de desenho, pintura em tela e arte digital. De acordo com toda a sua trajetória, considerações e referências, ela se caracteriza com a linha de pesquisa da História Cultural, ela ainda desenvolve pesquisas sobre a história do vestuário e as suas relações de gênero e poder na Antiguidade.

Em *“Nefertiti: Sacerdotisa, Deusa e Faraó”*, a representação historiográfica da Rainha Nefertiti, ela é dividida em cinco capítulos, contando com três capítulos focados em Nefertiti: Um que aborda o processo de aceitação de Nefertiti como deusa e faraó, no outro ela destaca a sua trajetória de vida e a sua influência como rainha de Amarna⁸ e por último busca legitimar a ideia de Nefertiti-faraó através da arte Amarniana, pontuando os diversificados privilégios que ela possuía e que se assemelhava aos do próprio faraó. O seu livro apresenta um panorama sobre a XVIII dinastia, abordando de forma resumida e didática, cada reinado do Egito, mostrando também o papel das mulheres da realeza, descrevendo como era a religião do Antigo Egito, destacando a importância do feminino para a cosmogonia egípcia e como todo esse conceito mágico-religioso irá culminar na teocracia Amarniana, e por último ela descreve a reforma de Akhenaton e as imagens da arte egípcia buscando compreender a arte desse período histórico e principalmente buscando codificar as imagens da rainha Nefertiti em que baseia a sua teoria de que após a morte de Akhenaton ela tenha reinado como faraó por dois anos.

O livro de Anna Cristina possui um caráter didático, de fácil entendimento e que pode ser muito bem utilizado na sala de aula do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, diferentemente de Jacq (1978) ela destaca sim a figura da Rainha Nefertiti, não a coloca em segundo plano como uma participante agregada a reforma do seu marido, porém antes ela trás uma longa contextualização de quase tudo que ocorreu no Egito Antigo para no final comprovar a sua ideia primordial tentando explicar os aspectos do pensamento religioso e artístico do Antigo Egito. A sua teoria sobre o reinado de Nefertiti é baseada em algumas imagens da arte Amarniana, a autora separou um grupo de imagens e o dividiu por categorias e subcategorias, essas imagens

⁸ Atualmente Amarna ou Tel El-Amarna, está localizada no Egito na província de El Mínya, que fica na margem oriental do rio Nilo. Anteriormente sua localização era referenciada por ficar no meio da antiga cidade de Tebas e Heliópolis.

estão organizadas em um catálogo em forma de fichas, separando as imagens em que mostram a rainha acompanhada de Akhenaton, e aquelas que a apresentam sozinha.

Divididos em duas categorias, a primeira e segunda categoria, intituladas "Com Akhenaton" e "Sem Akhenaton", elencados em um quadro com dados descrevendo com ela foi representada como, por exemplo, o aspecto masculino, feminino ou andrógino, o número de pessoas nas cenas, os hieróglifos recorrentes, as figuras de Nefertiti em comparação hierárquica em relação a Akhenaton quanto ao tamanho e a localização da figura, sendo consideradas três escalas de tamanho menor, relativamente menor e igual ao tamanho do rei; e quatro pontos de localização em que ela era representada se era atrás, à direita, à esquerda ou em frente a ele.

Nesse sentido, segundo Souza (2012, p. 113), as imagens em que a rainha aparece atrás e em tamanho menor e atrás em tamanho relativamente igual, são classificadas como hierarquicamente "inferiores", já as que apresentam a rainha em frente ao rei e de tamanho relativamente igual, serão classificadas como "relativamente equiparadas" e, por fim, as que mostram Nefertiti tamanho igual ao rei, em frente ou à direita, serão classificadas como "equiparadas" hierarquicamente a figura do rei. Outro ponto que ela destaca nesse quadro de análises é a "Função" que Nefertiti estava exercendo nas cenas, tanto na presença do rei ou sozinha, nesse ponto ela observa os elementos que ela utiliza nas cenas como por exemplo, as coroas e os cetros, destaca também os gestos que ela exercia como sacerdotisa, os de "adoração", "oferecer" e "prostrar-se", além disso também destaca as imagens que colocam Nefertiti na condição de deusa nas cenas de intimidade familiar e as cenas que caracterizam a ideia de "manutenção da ordem" associada aos elementos que ela utilizava como as coroas e os cetros na condição de co regente ou faraó.

Utilizaremos a obra dela principalmente como referência nas partes que destacaremos a figura das mulheres egípcias no Antigo Egito, a religião, a Reforma Amarniana, a arte e os aspectos envolvidos de sua teoria sobre Nefertiti ter reinado o Antigo Egito na posição de faraó brevemente após a morte do seu marido, analisaremos as suas considerações acerca das imagens que ela afirma ser um indício desse reinado fazendo paralelo com as considerações e teorias dos outros/as autores/as como Jacq (1978) e Tyldesley (2018).

Por fim, a 3ª obra que analisaremos a respeito da representação historiográfica da Rainha Nefertiti é o livro "*Nefertiti's Face: The Creation of an Icon*" (2018) da egiptóloga britânica Joyce Ann Tyldesley. Tyldesley nasceu no dia 25 de fevereiro de 1960 em Bolton, é uma

arqueóloga e egiptóloga britânica, acadêmica, escritora e apresentadora especializada nas mulheres do Antigo Egito. Seus estudos são focados na área de ensino, seus interesses de pesquisa incluem o desenvolvimento de egiptologia na modalidade de ensino à distância, historiografia egípcia e o papel das mulheres no Antigo Egito. Estudou arqueologia do Mediterrâneo Oriental na Liverpool University, depois em 1986 se tornou doutora em Arqueologia Pré-histórica pela Universidade de Oxford, além disso ela também possui um doutorado honorário pela University of Bolton e é uma pesquisadora associada do Manchester Museum. Lecionou pré-história e egiptologia na Liverpool University e Senior Fellow da Higher Education Academy, é professora de Egiptologia no Departamento de Clássicos, História Antiga, Arqueologia e Egiptologia (CAHAE), dentro da Escola de Artes, Línguas e Culturas. Ensina em cursos à distância, com aquisição do certificado e conhecimento on-line de três anos em Egiptologia, o diploma on-line é concluído em aproximadamente dois anos em Egiptologia e o Mestrado.

Ela publicou uma série de livros e artigos sobre o Antigo Egito: *“Filhas de Ísis: Mulheres do Antigo Egito”* (1994), *“Hatshepsut: A Faraó Feminina”*(1996), *“Nefertiti: A Rainha Sol do Egito”* (1999), *“Ramsés: O Maior Faraó do Egito”* (2000), *“A vida privada dos faraós”* (2000), *“O Império Dourado do Egito: A Era do Novo Reino”* (2001), seu livro de egiptologia mais recente, publicado em 2022, é *“Tutankhamon: Pharaoh, Icon, Enigma”* (2022), entre outros diversos livros publicados chegando até a publicar livros para o público infantil.

A obra que utilizaremos durante essa pesquisa é a obra *“Nefertiti’s Face: The Creation of an Icon”* (2018), uma das maiores dificuldades em estudar o Egito Antigo é a ausência de estudos bibliográficos traduzidos para o português e principalmente de obras de autores brasileiros, conseguir traduzir esse livro não foi uma tarefa fácil, pois a autora possui apenas um livro traduzido para o português que é o seu livro mais recente sobre Tutankhamon. A tradução do título significa “O rosto de Nefertiti: a criação de um ícone” (2018), esse livro foi apresentado pela primeira vez em uma palestra proferida na Egypt Exploration Society (organização britânica sem fins lucrativos fundada em 1882, com o objetivo de observar e escavar áreas do Egito e do Sudão) em 2010, e refinados para uma palestra proferida na série Showcase Seminar no Museu de Manchester em 2011.

A motivação para esse livro vem desde a sua infância quando ela visitava a galeria egípcia do Museu Bolton. Sua primeira paixão e indignação foi com A Pedra de Rosetta⁹ (fragmento de uma estela com inscrições do Egito Ptolomaico) que era uma reprodução do original e ela quando criança acreditava ser o artefato original diante de seus olhos, já o busto de Nefertiti tinha menos de um século, também era uma cópia em gesso de um busto então em exibição em Berlim Ocidental, e essa era apenas uma de centenas de Nefertitis em gesso idênticas. O seu fascínio por Nefertiti nasceu vinte e cinco anos mais tarde, ela escreve um livro sobre Nefertiti intitulado de “*Nefertiti: A Rainha Sol do Egito*” (1999), o seu objetivo era criar uma biografia completa e repleta de factos da rainha do sol do Egito, mas rapidamente ela percebeu que isso nunca seria possível, pois a vida de Nefertiti é preservada em imagens e não em palavras, e os fatos sobre sua história podem ser resumidos em uma lista de fatos muito curta.¹⁰ O livro “*Nefertiti’s Face: The Creation of an Icon*” (2018) vem com a ideia de explorar a criação de um ícone cultural, não se tratando de uma biografia sobre Nefertiti e sim uma discussão sobre o seu busto, entretanto ele nos fornece algumas visões e teorias historiográficas relevantes para a nossa pesquisa. O livro é dividido em duas partes, incluindo quatro capítulos em cada divisão, antes ela evidencia o contexto histórico original do busto, com uma breve introdução da vida e à época de Nefertiti, no fim dessa discussão ela considera as tentativas mais recentes de rastrear os restos mortais de Nefertiti, também em outro momento destaca os antecedentes da Reforma Amarniana, a reforma religiosa e o fim do reinado de Akhenaton, dando um foco também para as escavações arqueológicas de Amarna.

Na primeira parte do livro “*Criando Nefertiti*” a autora discute as evidências de seu criador, relatando a história de Tutmés e sua relação com o rei e a rainha, destaca também a função dos artesãos no Egito, o processo de fabricação do busto e sua finalidade. A Parte II, “*Recriando Nefertiti*”, coloca o busto no seu contexto moderno, discutindo desde a sua descoberta, a sua exibição e o seu duplo papel como peão político e inspiração artística.

⁹ É uma estela em granito que contém inscrições de três línguas antigas, incluindo os hieróglifos, a língua demótica (caligrafia simplificada e cotidiana usada no antigo Egito) e o grego antigo. Ele é considerado um dos objetos mais importantes da História, pois através dela foi possível decifrar os hieróglifos, o seu ano de descoberta foi em 1799, na pedra estava sendo emitido um decreto feito pelos sacerdotes egípcios no ano de 169 a.C., que anunciava a coroação e declarava o novo faraó do Egito, Ptolomeu V Epifânio e outros assuntos burocráticos (Assmann, 2003).

¹⁰ Infelizmente, não obtive acesso a esse livro que seria um ponto de análise para discutir as considerações feitas por Tyldesley no ano de 1999 em comparação com as novas descobertas no livro de 2018, com relação a ideia de escrever uma biografia completa sobre Nefertiti também já foi um objetivo meu, querer desvendar todos os aspectos cotidianos dessa mulher e outras mulheres da História, mas sabemos que isso é impossível.

Algo muito interessante em seu trabalho foi a forma como ela estruturou a pesquisa, como ela obteve apoio dos mais diversos profissionais que compartilharam suas experiências sobre o busto de Nefertiti, como por exemplo o artista e consultor em réplicas 3D Cosmo Wenman que compartilhou seu trabalho sobre o roubo/fraude da digitalização 3D de Nefertiti, a historiadora Pauline Norris que explicou a importância do pisca-pisca de cavalo (parte do arreio do cavalo que limita o seu campo de visão) do escultor Tutmés, Joseph Thimes que compartilhou seu conhecimento sobre DNA, entre outros. Outro ponto interessante do seu texto é a discussão sobre o eurocentrismo, o busto com um objeto de discussão diplomática com as autoridades egípcias exigindo que os seus “bens roubados” fossem repatriados e as autoridades alemãs defenderem a sua propriedade chamando ela de “artefato adquirido legalmente”, o que até hoje é instrumento de discussão e teorias da conspiração, mas ainda hoje esses artefatos estão espalhados por toda Europa nos museus de países colonizadores, mostrando a grande dificuldade na devolução da maioria dos artefatos para o seu lugar de origem, o Egito.

Neste livro é apresentado diversos capítulos que falam sobre a Nefertiti criada, o seu busto, mas principalmente a autora traz a figura da rainha Nefertiti como uma pessoa com uma relevância que foram criadas pelos modernos dando uma extrema importância para a sua figura e devido a isso esse ícone histórico moderno logo após a descoberta do seu busto foi criado e nisso surge a hipótese de que ela foi uma faraó que governou o Egito logo após o fim do reinado de seu marido. As hipóteses surgem ao observarem as imagens e esculturas que retratam Nefertiti, com ornamentos que apenas o faraó utilizava, realizando funções comumente do faraó e sendo retratada em algumas figuras com elementos que só existiam nas imagens dos faraós. Durante algumas partes do livro, Joyce Tyldesley parece querer ressignificar a importância e magnitude da rainha Nefertiti fazendo comparações com outras rainhas que segundo ela tiveram mais importância e que foram deixadas de lado devido a aparição do busto magnífico de Nefertiti que fez com que os modernos focassem os olhos para a sua figura bela.

A autora chega a fazer comparações de Nefertiti com a rainha Tiye (mãe de Akhenaton) afirmando que ela teve mais importância que Nefertiti e que ela era “uma personagem secundária em comparação com sua formidável sogra, a rainha Tiye” (Tyldesley, 2018, p. 4). Ela não esconde o seu interesse pela mãe de Akhenaton, de fato é inegável a importância que Tiye tem nas relações diplomáticas com os aliados do Egito Antigo, a importância dela na relação entre os sacerdotes de Amon e Akhenaton, mas faz parecer que a autora quer colocar a história de

Nefertiti como uma invenção dos estudiosos modernos que se encantaram pelo seu busto e imagens desempenhando papéis que outras rainhas não realizaram, fazendo parecer que Nefertiti não teve grande importância e secundarizando a sua figura quando afirma que a rainha Tiye teve mais relevância e que Nefertiti apenas seguiu o seu exemplo de rainha. No entanto, ela também faz críticas a História, abordando essas outras mulheres que desempenharam papéis importantes e não são mencionadas, entendo a sua crítica sobre a criação da imagem de Nefertiti, mas alguns trechos faz parecer que ela secundariza a imagem da mesma exaltando a imagem da rainha Tiye, além disso ela também deixa evidente que a maioria dos estudiosos estavam pouco interessados em Tiye ou Nefertiti e estavam focados em Akhenaton e sua reforma religiosa.

Um ponto importante do seu livro é a relação de interesses que o busto de Nefertiti desperta a curiosidade de muitas pessoas e principalmente dos países que brigavam pela posse do objeto, destacando a ampla publicidade que ela teve quando chegou no Neues Museum da Alemanha tudo isso durante a 2ª Guerra Mundial, ela apresenta a paixão de Hitler pelo busto de Nefertiti e como ele se apaixonou por uma figura que não era branca, mas logo depois surgem discussões a respeito da Africanidade de Nefertiti. A partir disso, a Alemanha havia adquirido uma nova rainha, fazendo com que diversas mulheres quisessem ser Nefertiti seguindo padrões de beleza para se tornarem ela e devido a isso a fama de Nefertiti extrapolou deixando a rainha Tiye de lado, sendo que antes era a principal rainha da corte de Amarna e ofuscando a figura de Tutankhamon.

Por fim, sabemos que esse livro possui diversas camadas interessantes para serem abordadas, porém nos atentarmos às partes em que a Joyce Tyldesley discute sobre a origem de Nefertiti, influência no reinado de Akhenaton e a discussão sobre a arte egípcia que conta a maior parte da história da rainha, pontuando também a sua visão sobre Nefertiti ter realmente sido uma faraó ou não, tudo isso fazendo a discussão com as obras de análise do autor Christian Jacq (1978) e Anna Cristina Ferreira de Souza (2012) utilizando principalmente a obra de Tyldesley em contraponto a teoria de Anna Cristina sobre Nefertiti se tornou faraó.

Antes de mais nada, devemos discutir o contexto histórico em que Nefertiti estava inserida, falando sobre o que foi a Revolução Armaniana e as modificações na arte egípcia que ela participou ativamente junto do seu marido Akhenaton.

4 A TEOCRACIA AMARNIANA E A ARTE EGÍPCIA

Sobre o contexto histórico em que a rainha Nefertiti estava inserida, é necessário falar sobre o seu marido Amenófis IV. O reinado de Amenófis IV (1352-1336 a.C.), trouxe algumas modificações para o Egito da XVIII dinastia, principalmente uma grande modificação na estrutura religiosa que era um dos pilares que controlava a sociedade da época e os próximos faraós acreditavam que talvez a sua heresia contra os deuses do panteão egípcio ocasionou a fúria dos deuses e isso levou ao desequilíbrio e a decadência ao Egito Antigo. Após o seu reinado o Egito entrou em uma fase de instabilidade político-religiosa, os faraós que o sucederam como Smenkhkare, Tutankhamon e Ay foram excluídos da lista de faraós dos reis Raméssidas e do faraó Horemheb (1323- 1295 a.C.) que em alguma fase do seu reinado escreveu que após a morte de Amenófis III, o próximo faraó era ele excluindo assim todos os faraós do período Amarniano, com a ideia de restaurar o Egito apagando essa fase da história deles.

Akhenaton era filho de um dos maiores faraós da história do Egito, Amenófis III (1390-1352 a.C) e da rainha Tiye, ambos já mencionados durante essa pesquisa. Durante o reinado de Amenófis III, o Egito experienciou uma ascensão política e econômica muito grande, foi um reinado que durou cerca de 40 anos e um dos mais prósperos e estáveis do Antigo Egito. Ele era um homem pacífico que procurava o diálogo e negociações tentando excluir a guerra entre os seus inimigos, seguindo o exemplo do seu pai Amenófis IV também era pacífico, mas se perdeu alguns anos antes do fim do seu reinado por ter focado demais os seus olhos para o seu projeto religioso e esquecendo da política. A educação do faraó Akhenaton foi moldada pelo exemplo político, administrativo e religioso do seu pai, pelos conselhos da sua mãe Rainha Tiye, pelo Amenhotep primeiro ministro do reinado de Amenófis III e segundo Jacq (1978, p. 25), ele foi o grande mentor espiritual de Akhenaton.

De acordo com a historiadora brasileira Anna Cristina (2012, p. 70), ainda existe uma discordância nos estudos atuais sobre a origem do reinado de Amenófis IV, a teoria mais aceita atualmente é de que o reinado dele começou com ele sendo co-regente do seu pai ou os dois reinaram juntos durante um longo período de 12 anos, provavelmente ele assumiu a co-regência no 28º ano de reinado de seu pai com apenas 16 anos de idade, mas reinou sozinho no ano de 1352-1336 a.C.

Inicialmente, para que possamos entender as modificações religiosas que Amenófis IV promoveu durante o seu reinado, precisamos compreender o por que ele ousou fazer uma mudança tão radical na estrutura religiosa? Ele possuía alguma inspiração ou ele criou essa ideia sozinho? Ele era um espiritualista? Segundo o egiptólogo Christian Jacq em seu livro “Akhenaton e Nefertiti: O casal solar” (1978), por muito tempo historiadores/as, arqueólogos/as e egiptólogos/as colocaram Akhenaton como um louco iluminado ou um romântico místico e isso são informações que para ele parecem ser falsas, porque as mesmas não levam em consideração a civilização egípcia como tal, cujos valores fundamentais o rei encarnava. Akhenaton era o herdeiro da sabedoria egípcia e devido a isso ele teria que propagá-la para todo Egito.

A religião é um dos principais pilares do Egito Antigo, como em qualquer outra civilização necessitavam de ordem na sociedade e tendem a se moldar de acordo com um mito ou conjunto de mitos. Existia um conjunto de mitos que compunha o panteão egípcio, as divindades possuíam as formas masculinas e femininas, representado muitas vezes por animais. Dentro desse universo também encontramos deusas, que são o complemento dos deuses masculinos, garantindo assim o equilíbrio cósmico pela deusa Maat e também temos o próprio deus criador como uma entidade feminina, como a deusa Neith.

Segundo a autora Souza (2012), algumas teorias tentam definir a religião egípcia, durante muito tempo se discutiu que a religião egípcia era de fato politeísta (eles adoravam várias divindades, assim como ocorreu em outras civilizações). A partir dessa discussão, muitos autores começaram a tentar definir a religião do Egito já que o politeísmo não é a única forma de adoração dos egípcios e de fato não compreendemos a religião deles totalmente, porque a adoração de apenas um único deus ocorria durante um tempo, cada cidade tinha o seu deus principal de adoração, mas isso não anulava a adoração aos outros deuses e isso seria uma união do conceito monoteísta (crença de um povo em apenas um único Deus) e do politeísmo que se baseou na concepção henoteísta.

De acordo com o historiador e egiptólogo brasileiro, Ciro Flamarion Cardoso, em seu livro “Deuses, Múmias e Ziggurats: Uma Comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia” (1999), ele aborda o conceito de *henoteísmo* e *khathenoteísmo* para definir a religião dinástica egípcia. O conceito de *henoteísmo* se define como a concentração no momento do culto em um único deus num contexto de um politeísmo não negado pela sociedade daquele

período e o *khathenoteísmo* é definido como a concentração de interesses em um deus de cada vez, também sem a negação do politeísmo, o deus escolhido seria adorado durante o tempo e exerceria a função de divindade criadora do Universo. Segundo Ciro Flamarion (1999), todos esses dois conceitos seriam formas de *monolatria*, mas não de monoteísmo, como dito, o politeísmo não é negado e focavam em uma única divindade, que não era a única existente, ou adoravam uma divindade e ela era a única naquele momento de adoração.

A religião egípcia não possuía a ideia de dualidade existente em outras sociedades e principalmente a nossa sociedade atual baseada ainda na ideia do cristianismo, como por exemplo a separação entre bem e mal, eles pensavam baseados na ideia do *monismo* onde as coisas são pensadas em uma realidade única sem separações. Dessa forma, os deuses, animais, homens/mulheres, plantas e fenômenos físicos pertencem à mesma grande estrutura, o mundo todo sendo único é o que constitui o objeto de um pensamento baseado em mitos.

[...] a visão de mundo dos egípcios é ao mesmo tempo religião, cosmologia, psicologia, sociologia e teoria política. Esta visão não fragmenta a realidade dicotomicamente, não acentua diferenças entre matéria e espírito, luz e escuridão, masculino e feminino, entre outras. Ela não enxerga o mundo apenas em duas opções. A estrutura do pensamento egípcio se baseia em polaridades complementares, pois as oposições binárias não são irreconciliáveis, mas sim integradas (Englund, 1989, p.7-38 apud Souza, 2012, p. 45).

A religião dessa civilização invocava não dados objetivos e reproduzíveis, mas jogos de imagens, palavras e metáforas, e essas imagens não se destinavam a representar as formas reais das divindades, eram apenas referências a uma ideia mais elevada do divino (Souza, 2012, p. 46). Existiam diversas variações sobre a cosmogonia egípcia (a ideia de criação do mundo e dos homens para os antigos egípcios), mas todas irão recair no mito do rei sendo considerado divino e representante do deus aqui na terra. Neste aspecto, cada cidade do Antigo Egito como Hermópolis, Mênfis, Saís e Heliópolis, possuíam a sua própria cosmogonia, centrada no culto de um deus principal e na ideia dele como a deidade criadora do Universo. Não se sabe ao certo se todos da sociedade egípcia acreditavam realmente nessas concepções, principalmente a população das camadas sociais mais baixas, mas é provável que as crenças desse povo tivessem uma relação com a religião oficial, pois a religião sempre foi uma tentativa de criar uma esperança para a população e para controlar aquilo que as demais formas de controle social não consegue ter domínio.

Tendo por base o que já foi exposto, a reforma religiosa de Amenófis IV se encaixa na ideia de *monolatria*, pois sabe-se que mesmo ele tendo instaurado o culto apenas em um único

deus, a sociedade egípcia não abandonou totalmente os cultos a outros deuses (em algumas localidades do Egito e que não eram as grandes principais cidades), além disso ele **estabeleceu** um deus único (Aton, deus solar que na sua forma visível é o disco solar manifestação de Ra-Harakhty) e estabeleceu outros seres divinos como ele mesmo e Nefertiti sua esposa que eram adorados como divindades aqui na terra sendo considerado uma tríade divina de adoração. De acordo com o egiptólogo Christian Jacq (1978), “Akhenaton quis encarnar sua própria ideia de Deus numa estética particular”. Quando Amenófis IV era apenas o príncipe regente ele teria recebido as influências do culto solar heliopolitano, que serviu de inspiração para a sua reforma religiosa, o culto solar heliopolitano era centrado nas figuras das divindades Atum (deus criador de tudo e posteriormente será identificado como Rá), Shu (o ar, elemento ativo integrado a Atum) e Tefnut (umidade atmosférica, elemento passivo), todos são andrógenos-deuses macho e fêmea ao mesmo tempo, mas com aparência masculinizada-eles coexistem simultaneamente e originam os outros deuses da religião egípcia (Souza, 2012, p. 48).¹¹

De maneira radical, ele erradica o culto de crescente exaltação do deus dinástico Amon-Ra (Amon “o oculto”) da cidade de Tebas que era a capital do Egito Antigo e o culto de todos os deuses do panteão egípcio, devido a crescente centralização do poder administrativo, político e religioso em Tebas, essa cidade era o grande centro religioso, uma cidade cosmopolita, Tebas deveria orientar a vida espiritual do Egito, mas eles estavam se perdendo com o desejo de ter mais poder econômico do que religioso. A capital do Egito dependia de dois poderes supremos, isto é, daquele do rei e daquele do sumo sacerdote de Amon, deus e senhor de Tebas, o clero de Tebas ganhou muito poder depois que começaram a legitimar um faraó através do mito da teogamia o que ocorre com a rainha Hatshepsut e também devido a grande influência nas decisões de alguns faraós, eles eram ótimos conselheiros. O clero dirigente, era formado de "Sacerdotes divinos" e de "Profetas de Amon", eles dispõem de bens próprios e de consideráveis riquezas, como sejam terras, matérias-primas de toda sorte, rebanhos, etc. Existia o “Primeiro Profeta de Amon”, que era “um autêntico monarca que exercia sua soberania tanto sobre o dogma religioso como sobre os bens materiais. Primeiro personagem do império depois do rei, praticamente nunca fica alheio às grandes decisões do Estado” (Jacq, 1978, p. 39).

¹¹ Lembrando que esse é só um dos mitos de origem do mundo e dos deuses que temos no Antigo Egito, pois cada cidade possuía sua própria ideia de cosmogonia.

Segundo Jacq (1978, p. 42), no início do reinado de Amenófis III o faraó tenta manter uma certa distância entre a autoridade faraônica e a autoridade sacerdotal do sumo sacerdote, no entanto ele continuava distribuindo riquezas aos templos para evitar um conflito aberto e dessa forma, o clero tebano continuava intervindo nos assuntos do Estado, a direção do Estado era bicéfala. O sumo sacerdote de Amon era uma espécie de primeiro-ministro, que, em alguns casos acabava tomando decisões que caberiam ao faraó, mas eles não se opunham absolutamente de maneira ostensiva ao faraó. Durante o reinado de Amenófis III, existiu uma harmonia devido ao faraó ser um pacifista que buscava quase sempre resolver os problemas através da diplomacia e não da guerra e destruição.

Amenófis IV foi inspirado por sua própria espiritualidade, e também pela existência na inspiração das ideias que o seu pai Amenófis III possuía sobre a elaboração duma religião universalista que englobasse até os asiáticos, os sacerdotes de Tebas, muito nacionalistas, não podiam aceitar uma religião em que Amon não tivesse o papel principal. Amenófis III também já havia construído templos em nome de Aton, portanto a inspiração de Akhenaton vinha de ideias antecedentes a ele, segundo Jacq (1978) a impaciência de Akhenaton observando a corrupção que ocorria no clero de Tebas fez com que ele tomasse decisões para atingir o seu ideal de religião, retirando o poder dos sacerdotes de Tebas e excluindo todos os deuses do panteão egípcio.

A primeira atitude que ele toma é modificar o seu nome real, de Amenófis IV (Amenhotep) "Amon está satisfeito" ou "O príncipe oculto em sua plenitude", para Akhenaton "Aquele que é útil a Aton", modificando o seu nome de coroação o Amenófis IV morre e o Akhenaton surge de forma simbólica ele modifica sua natureza real, escolhida pelos deuses, e prossegue um novo caminho, dando início as próximas modificações no cânone egípcio. De acordo com Souza (2012, p. 72), para legitimar de fato o poder do deus Aton que agora se tornaria um deus dinástico e criador do Universo, houve o adiantamento do *Heb-Sed* (festival-sed ou jubileu) que acontecia a celebração do 30º ano de reinado, mas ele ocorreu entre o segundo ou terceiro ano de reinado de Akhenaton celebrando o seu poder junto a Aton. Nesse momento foi oficializado o abandono de Amon-Rá como deus dinástico, o festival elevou agora a união entre pai e filho (Akhenaton era o único filho do deus Aton na terra).

O deus Aton durante o começo dessa reforma, era identificado como Ra-Harakhty (manifestação visível da luz de Aton) o disco solar que o povo deveria cultuar. Atrelado a isso

haverá a crescente divinização do faraó reinante enquanto ainda vivo, faraós como Amenhotep III e, posteriormente, Ramsés II incentivaram seu próprio culto em vida construindo estátuas gigantescas e estabelecendo relações de sua pessoa com o deus dinástico, a novidade no culto era que Akhenaton elevou toda a sua família transformando eles em divindade que deveria ser adorada pela sociedade. Como cita Souza (1978, p. 79), “os cultos privados passaram a ser direcionados à família real, pois só esta conhecia e podia cultuar o deus. A representação geométrica do Aton, na forma de disco solar, também fazia com que o foco de atenção das cenas se voltasse para Akhenaton e sua família, assim o povo deveria ofertar e adorar Akhenaton e sua família.

Foi instaurado também a ideia de uma tríade divina com a nova teogonia reduzindo o número de deuses, o culto seria concentrando em três divindades principais (Aton, Shu e Tefnut), Akhenaton seria descendente direto do deus criador e a rainha Nefertiti também, ele seria Shu e Nefertiti era identificada como Tefnut. Os dois eram os personagens principais que obtinham contato com o deus Aton, para um mundo organizado deveria existir os dois no culto, eles eram a própria origem do mundo organizado (Souza, 2012, p. 80). Akhenaton era portanto, filho do deus encarnado, faraó e sumo sacerdote, pois apenas ele e Nefertiti possuíam contato com o deus Aton e podiam adorar o deus diretamente, já a população deveria adorá-los para poder chegar no deus Aton sem vê-lo diretamente, nas casas da população que vivia em Amarna foram encontrado alguns oratórios particulares com as imagens de Aton, Akhenaton e Nefertiti, em alguns também possuíam a imagem das suas filhas, sendo assim representado a figura da “Sagrada Família” (figura 04). Segundo a egiptóloga Joyce Tyldesley (2018), as casas decoradas com a imagem dos novos deuses seriam uma forma de ajudar na propagação do culto oficial e de demonstrar lealdade ao novo regime.

A forma dos cultos tradicionais do Antigo Egito forneceu a Amenófis IV/Akhenaton conceitos que fizeram parte da mudança simbólica amarniana, ela não estava privada dos elementos principais da religião egípcia tradicional, em muitos casos só irá haver uma substituição, invés de cultuarem vários deuses a população cultua apenas a tríade divina e a figura do rei e da rainha substituindo os outros deuses, como no culto funerário que Osíris foi substituído por Akhenaton e Nefertiti aparece como Ísis.¹² O deus Aton era indissociável da

¹² Akhenaton assume a função parecida com a do deus Osíris, pois será responsável pelo renascimento do morto em outra vida por intermédio do Aton e Nefertiti vai aparecer, como Ísis, com características maternais, segurando suas

entidade sagrada formada pelo rei e pela rainha, eles eram o sumo sacerdote e a grande sacerdotisa do culto do novo sol, um dos ensinamentos mais ricos de espiritualidade amarniana era o de que Aton não fosse uma ideia abstrata confinada no mundo dos deuses foi preciso que eles materializassem as ideias e as vontades do deus criador que passariam pelo casal e a vida que ele concedeu à humanidade só pode ser transmitida através deles.

Em seu 5º ano de reinado, Akhenaton funda uma nova capital chamada de Akhetaton que significa “Horizonte do Aton” (nome árabe da cidade é Tell-el-Amarna), ela foi construída às pressas para ser centro político e religioso do Egito. Assim como os antigos deuses do panteão egípcio possuíam as suas próprias cidades para fazer o culto, Amarna ou Akhetaton era a cidade dedicada para o deus Aton colocadas nos limites norte e sul da cidade, ficava perto de Hermópolis (cidade do deus Thot) e a cidade de Amarna foi construída num local em que o homem jamais tinha trabalhado. Akhenaton concretizava seu ideal religioso, a cidade de Amarna foi construída muito rapidamente, pois foi habitada quatro anos depois da inauguração dos trabalhos e praticamente a construção ainda continuou, tornando-se assim uma cidade inacabada

Apesar duma edificação muito rápida, desde seu nascimento Amarna transforma-se, pois, num lugar em que a vida circula a um ritmo acelerado e onde pulsa realmente o coração do Egito, Sendo o faraó o centro das "Duas Terras", ele instala consigo a corte e os órgãos vitais de seu país. Posto que o faraó vive em Amarna, doravante o centro do reino se encontra na cidade de Aton (Jacq, 1978, p. 93).

Geralmente, as pessoas que se mudava para a cidade de Amarna procuravam algo novo, queriam fazer surgir a civilização num lugar em que não havia senão o nada, elas não iam com um espírito de revolta contra Akhenaton como devemos imaginar já que ele modificou a religião desse povo. Segundo Jacq (1978), Akhenaton levou a sua corte para viver em Amarna e todos que adotassem a religião Atoniana seriam muito bem recompensados, as pessoas que não possuíam cargos elevados em suas cidades acabavam indo para a cidade e adotando a religião e o apreço do faraó conseguindo cargos e recompensas. De acordo com Souza (2012, p.75), no fim do 8º ano de seu reinado a cidade já se encontrava bastante desenvolvida, atraindo pessoas de todas as partes do Egito e também da Ásia. Um dos diferenciais da reforma de Akhenaton foi o livre acesso que ele forneceu para a população ao templo, antes os cultos e templos eram

filhas no colo, enquanto recebe a vida das mãos de Aton/Hórus, que é identificado como uma figura solar. Ver Souza, *op. cit.*, p. 80.

fechados e de uso exclusivo dos sacerdotes, agora o povo poderia ver como era o templo e os momentos de adoração. Como afirma Christian Jacq (1978, p. 89):

O templo tradicional do antigo Egito, conseqüentemente, não estava aberto aos fiéis. Alguns deles tem acesso às primeiras salas a céu aberto, mas apenas os sacerdotes é que podem penetrar nos recintos cobertos; o sumo sacerdote, o faraó, é o único interlocutor do deus que ele encontra na parte mais secreta do templo. O templo de Aton responde a outras regras. Com efeito, a idéia do caminho em direção a Deus é conservada e nota-se sempre uma sucessão de salas. Mas já não há mais cômodos escuros; nenhuma sala tem teto. Uma fileira de pátios a céu aberto leva ao local mais sagrado do templo, ao grande altar de Aton onde, por meio do sacrifício, se estabelecia uma linha entre a divindade e os homens.

De acordo com Jacq (1978), as ruas como eram amplas, abertas para a entrada do sol e possuíam estátuas colossais do rei e da rainha, ao norte havia o Grande Templo, A Casa do Aton, e também os seus anexos, incluindo o Gem-Aton, que possuía uma divisão chamada Mansão do Ben-Ben, um templo devotado principalmente ao uso de Nefertiti, no mesmo bairro também havia diversos edifícios administrativos, com vários escritórios oficiais com os serviços de polícia, o tesouro, o serviço dos países estrangeiros e as oficinas, possuíam um bairro comercial onde se compravam os produtos mais variados, que foram trazidos de barco e desembarcados nos cais da margem do Nilo.

Um outro diferencial da reforma de Akhenaton foi a crescente exaltação que ele dava a família, diferentemente dos outros faraós, ele gostava de mostrar a sua vida íntima ao povo, isso pode ter sido uma forma de conectar a população a figura do rei e assim também a figura de Aton. Ele só se apresentava em público acompanhado de sua esposa, sempre enfatizava a sua representação de pai e homem de família. Conforme Christian Jacq (1978), a ideia de representações sobre o amor conjugal em primeiro lugar tem um alcance teológico nítido, pois querem demonstrar que o amor vive e só o casal oferece o caminho para uma realização harmoniosa da comunidade egípcia em seu conjunto. O centro espiritual da cidade de Aton é a oferenda ao sol, oferenda que permite à luz celeste recriar o mundo toda manhã, o rei celebra a luz da manhã e a rainha antes do sol se pôr, assim o casal forma um ciclo cósmico completo da harmonia do feminino e masculino.

Além de toda essa modificação na religião egípcia e nos seus cânones, Akhenaton também modifica a forma de representação da arte, existiam regras para se fazer uma escultura no Antigo Egito seguindo as regras dos faraós anteriores da XVIII dinastia. Como destaca o historiador da arte Ernst Gombrich, em seu livro “A história da Arte” (1999, p. 65):

O estilo egípcio incorporou uma série de leis bastante rigorosas, e todo artista tinha que aprendê-las desde muito jovem. As estátuas sentadas deviam ter as mãos sobre os joelhos; os homens eram sempre pintados com a pele mais escura do que as mulheres; a aparência de cada deus egípcio era rigorosamente estabelecida: Hórus, o deus-céu, tinha que ser apresentado como um falcão ou com uma cabeça de falcão; Anúbis, o deus dos ritos funerais, como um chacal ou com uma cabeça de chacal. [...] Ninguém queria coisas diferentes, ninguém lhe pedia que fosse “original”. Pelo contrário, era provavelmente considerado o melhor artista aquele que pudesse fazer suas estátuas o mais parecidas com os belos monumentos do passado. Por isso aconteceu que, no transcurso de três mil anos ou mais, a arte egípcia mudou muito pouco.

Esse sistema de regras ou cânones egípcios, determinava como deveriam ser feitas as obras para manter a continuidade de um pensamento idealista de representação vida dos seus antepassados, além disso, era o resultado de uma decisão social feita por um grupo seleto de pessoas que detinham poder, segundo Souza (2012, p. 99), a arte e representação do Antigo Egito era feita pela minoria e para minoria. A idealização das figuras reais tinham a função de mostrar o poder hierárquico, a representação da realeza era totalmente cheia de regras, já a representação das camadas sociais inferiores apresentava mais livremente a ideia voltada para um naturalismo.

A arte amarniana é considerada mais naturalista e livre que a arte tradicional, porém ela ainda está presa às mesmas convenções básicas só que possui algumas modificações. Segundo Souza (2012, p. 96), a maior alteração se deu na grade de composição antes eram 18 quadrados e, com a reforma político-religiosa, passou a ter 20. Causando assim um achatamento da parte inferior do corpo, encurtamento das pernas, a parte inferior das costas é alta, com um torso superior curto, a cintura é estreita (em alguns casos a cabeça é pequena), nádegas largas, coxas amplas e à proeminente dobra do ventre. Essa maneira de representação pessoal de Akhenaton ou qualquer indivíduo representado por ela, causou um estranhamento e hipóteses de que as imagens do rei não fossem uma figura masculina e sim feminina devido a forma corporal, além disso também era representado um alongamento no crânio levantando a hipótese de que ele possuía uma doença, mas isso era só a forma de representação da arte. De acordo com o egiptólogo Christian Jacq (1978), a representação andrógina na arte de Amarna, tem suas origens na própria androginia funcional dos deuses primordiais dos antigos cultos, o rei teria se utilizado deste elemento como forma de aproximação entre toda a família real e o demiurgo, como se todos fossem, também, filhos próximos do próprio criador.

Ao mesmo tempo isso é um pensamento simbólico da religião e arte de Akhenaton, o faraó é ao mesmo tempo homem e mulher, representando o princípio único que existe antes da separação dos sexos, assim ele como filho de Aton deveria ser representado com tal qual os

deuses primordiais sendo o feminino e masculino no mesmo corpo. Assim Akhenaton logrou, através da arte, ele exalta e concretiza a ideia e força da espiritualidade egípcia amarniana.

Por fim, durante o período da reforma religiosa Amarniana as relações exteriores estavam sendo mantidas aparentemente em um segundo plano, Akhenaton estava mais preocupado com a propagação das suas ideias religiosas e da luz atoniana para a população do que com os conflitos que eclodiram entre seus países aliados ao Egito e províncias adjuntas. Com Amenófis III, todos os conflitos eram resolvidos através da diplomacia e negociações, Akhenaton deixou de lado alguns aliados e não manteve a palavra e benefícios que estavam sendo cumpridos desde o reinado de seu pai. Segundo Christian Jacq (1978, p. 153), Akhenaton não intervém e diversas outras cidades mandam apelos de aflição à corte egípcia, mas o rei se recusa a entrar em guerra com os hititas e prefere a negociação, ele até consegue um acordo de paz.

Ao que se sabe, o rei egípcio sempre se mantinha informado do que acontecia externo a capital de Amarna, mas segundo Jacq (1978), ele aparentemente foi traído por alguns dos funcionários que o mantinha informado sobre os acontecimentos que ocorriam em seu país, das decisões tomadas pelos responsáveis dos países e cidades ao redor do Egito. Durante esses conflitos, Akhenaton ordena a intensificação da perseguição religiosa e mandou mensageiros a Tebas e a Mênfis para destruir qualquer menção que encontrassem a divindades que não fossem Aton, especialmente as feitas a Amon-Rá. A desinformação sobre as dificuldades externas e internas do Egito, fez com que chegasse o fim do reinado de Akhenaton, com o Egito enfraquecido, o clero de Amon se articulava para a volta dos ritos anteriores à reforma.

Após o fim do reinado de Akhenaton, se instalou um momento de mais instabilidade política no Egito. Quem assumirá o trono do Egito? A partir disso surgem as diversas teorias sobre o possível reinado de Nefertiti, sob outro nome como o de Neferneferuaton e por um tempo cogitaram que ela seria Smenkhkare. Essa dúvida se instala porque não se tem registros de fato sobre essas duas pessoas, mas principalmente sobre Neferneferuaton, que aparece na lista de faraós com a datação de que reinou por dois anos apenas e logo depois Smenkhkare assume. Discutiremos essas teorias mais profundamente no próximo capítulo.

5 A BELA CHEGOU: NEFERTITI - A SACERDOTISA, DEUSA E POSSÍVEL FARAÓ AOS OLHOS DE CHRISTIAN JACQ, ANNA CRISTINA E JOYCE TYLDESLEY

Durante muito tempo foram criadas diversas hipóteses sobre a origem de Nefertiti, o que sabemos dela é que a sua existência é contada pela história a partir do seu casamento com Akhenaton que se casa aos 12 anos de idade. As obras dos autores aqui analisados destacaram as teorias mais antigas de que Nefertiti seria uma princesa estrangeira vinda do Mitanni, que viria a se casar com Amenófis III para manter as alianças tradicionais antes que o império Hitita fizesse uma aliança com os Mitanitas e o rei do Mitani envia para o Egito uma grande expedição cuja figura central era sua própria filha, a princesa Taduhepa. Porém ao chegar na corte egípcia, ocorre um lance teatral que aguardava a princesa: seu futuro esposo, Amenófis III, acabava de falecer (Jacq, 1978, p. 67).

Nesse mesmo instante as fontes se calam, ninguém sabe ao certo o destino da princesa Mitanita e alguns egiptólogos julgaram que essa Taduhepa se tornará a rainha Nefertiti e que, não podendo desposar Amenófis III, acabou unindo-se a seu filho, o jovem Amenófis IV. E o nome de Nefertiti teria o significado de “A Bela Chegou”, visto que literalmente alude à chegada de uma princesa estrangeira ao Egito e isso seria prova suficiente. Porém essa hipótese não é aceita, pois não coincide com a data de falecimento de Amenófis III e o nome Nefertiti não era estrangeiro e sim um nome clássico egípcio, segundo Jacq (1978) o significado do seu nome “A bela chegou” segundo as análises mais completas, seria portanto uma egípciana de pura estirpe. De acordo com Joyce Tyldesley (2018, p. 143), o nome Nefertiti “A bela chegou” era provavelmente uma referência à chegada da deusa Hathor (deusa do amor, fertilidade e alegria), como Nefertiti aparece usando uma coroa idêntica a da deusa Hathor (grande coroa que possuía chifres de vaca e um disco solar acima da cabeça) no Templo Tebano Benben (localizado em Heliópolis), pode-se dizer que ela adotou um nome apropriado no momento de seu casamento, da mesma forma que os monarcas modernos às vezes escolhem seus novos nomes no momento de sua coroação.

Outra teoria da origem de Nefertiti, era a de que ela seria a filha do faraó Amenófis III e da rainha Tiye, ou então do faraó e uma de suas esposas secundárias. Dessa forma, Amenófis IV e Nefertiti seriam irmãos, mas essa teoria não é sustentada porque Nefertiti jamais levou o título de “Filha do Faraó” que, num semelhante caso, teria sido o seu. Segundo Joyce Tyldesley (2018,

p. 80), Nefertiti nunca nomeia seus pais, mas não esperávamos que ela o fizesse, pois a sua hierarquia na corte dependia inteiramente da sua união com o rei e, neste aspecto, os seus pais eram irrelevantes. No entanto, o fato de ela nunca se autodenominar “Filha do Faraó” confirma que ela nasceu na plebe igualmente a rainha Tiye, mãe de Akhenaton. O protocolo faraônico era rigoroso e os estudos dos títulos constituem sempre uma tarefa importante na pesquisa egiptológica.

A hipótese mais aceita pelos historiadores/as e a que os autores Christian Jacq (1978), Anna Cristina (2012) e Joyce Tyldesley (2018) entram em consenso é a de que Nefertiti era filha de um grande personagem da corte de Amenófis III, ela era filha de Ay um alto dignatário grande amigo de Amenófis III e aliado de Akhenaton que coleciona o título de "divino pai" ou “pai de Deus”. Ay ocupava o cargo de superintendente dos cavalos do rei, escriba do rei e, sem dúvida, “teólogo discreto das ideias bastante revolucionárias” segundo Jacq (1978, p. 68), o título de "divino pai" ou "pai do Deus", possui um sentido simbólico e ao mesmo tempo indica provavelmente que ele era o padrasto do faraó.

O que intrigou os historiadores/as foi o fato de que a esposa de Ay, que se chamava Tiyi como a mãe de Akhenaton a rainha Tiye, jamais é claramente designada como a mãe de Nefertiti, ela era na realidade sua ama-de-leite. Para resolver isso, foi suposto que a mãe de Nefertiti, seria uma possível esposa secundária de Ay, que teria morrido pouco depois do nascimento da criança. Então a outra esposa de Ay teria sido incumbida da educação da pequena Nefertiti. No que diz respeito à origem de Nefertiti, só há dois pontos que nos parecem possivelmente concretos: a de sua "nacionalidade" egípcia e o fato de ela pertencer a uma grande família nobre, mas por não vir de descendência real como as outras rainhas egípcias, ela vem a ser denominada de plebeia.

A egiptóloga Joyce Tyldesley (2018, p. 81), nos traz outra evidência de que algumas provas circunstanciais sugerem que Nefertiti nasceu na família biológica de Tiye, mãe de Akhenaton, pois no túmulo de Ay e de sua esposa Tiyi em Amarna, Tiyi é identificada como a “favorita do Bom Deus, ama da Grande Esposa do Rei Nefertiti, ama da deusa, ornamento do rei”, indicando que ela criou Nefertiti. Enquanto isso, os muitos títulos de Ay eram os mesmos herdados pelo pai da rainha Tiye, Yuya e o questionamento que ela elucida é de que Ay teria herdado esses títulos de seu pai, Yuya, significando assim que ele era tio materno de Akhenaton. Segundo Tyldesley (2018), o próprio Ay não faz menção a qualquer ligação com Nefertiti, mas

que isso não é inesperado, pois Yuya não faz nenhuma referência à sua filha, a rainha Tiye e apenas o que identifica o seu parentesco com Yuya é o “escaravelho de casamento” emitido por Amenhotep III, caso não tivesse o escaravelho não compreenderíamos adequadamente a sua relação. De acordo com Anna Cristina (2012, p. 88), realmente é possível que Ay tenha sido pai de Nefertiti e ela ainda relata que provavelmente a mãe da rainha tenha feito parte do culto de Ahmose-Nefertari, pois foram encontrados algumas inscrições na tumba de Yuya e Tjua, pais da rainha Tiye, que dirigem-se a Nefertiti como sendo a "Herdeira": "A Herdeira, Grande de Benevolência, Senhora da Graciosidade, Digna de Amor, Senhora do Alto e Baixo Egito, Grande Esposa do Rei, que ele ama, Senhora das Duas Terras, Nefernefruaton-Nefertiti, que ela viva para sempre!"

Akhenaton e Nefertiti se casaram muito jovem e logo transformaram um casamento estatal em um casamento que visível aos nossos olhos é um casamento cheio de amor, admiração e companheirismo. De acordo com Jacq (1978), a comprovação desse amor seria as cenas da arte de Amarna em que o rei externa sua imensa ternura para sua mulher e seus filhos, antes desse período a arte egípcia não apresentava imagens de afeto ou de alegria na intimidade familiar. O autor coloca em seu texto palavras exageradamente românticas, onde é expresso o seu fascínio por Akhenaton e Nefertiti, mas até que ponto podemos confiar nessas imagens como sendo um retrato da realidade em que viviam?

Como dito anteriormente, a arte egípcia sempre foi ligada a religiosidade e espiritualidade sendo centrada na ideia de um poder mágico-religioso, as imagens de amor entre Akhenaton e Nefertiti pode sim ser uma realidade, mas também estava ligado a ideia da instauração da nova religião Atoniana mostrando ali o amor do deus Aton (disco solar) expresso na união dos seus filhos principais, Akhenaton e sua família, sendo Nefertiti o equilíbrio cósmico do masculino e feminino substituindo a deusa Maat. Toda imagem é subjetiva e passível de relações de interesses, isso era o que realmente Akhenaton queria que o povo enxergasse como imagem modelo de sua família fazendo parte dessa ideia mágico-religiosa. Como afirma Jacq (1978), a partir dessas imagens o casal real criou uma comunhão fundamental no ideal religioso, o amor que os unia era indissociável da fé compartilhada no deus Aton. Assim sendo, a glorificação da família e as demonstrações de afeição para com os filhos fazem parte desse entusiasmo pelo deus Aton, venerado por Akhenaton e Nefertiti.

Do amor de Akhenaton e Nefertiti nasceram seis filhas: Meritaton, Meketaton, Ankhesenpaaton (Ankhesenamon)¹³, Neferneferuaton, Neferneferuré, e Setepenré. Nefertiti não deu nenhum herdeiro a Akhenaton, o único filho homem que Akhenaton teve foi Tutankhamon. Não devemos ignorar que Nefertiti não foi a sua única esposa, o rei herdou todas as esposas que o seu pai Amenófis III possuía e ele teve também uma esposa secundária que se chamava Kia, ela não chega a ser sequer mencionada nos textos e nos monumentos, Kia não desempenhou um papel notável na vida de Akhenaton e o seu título de "esposa do faraó" era apenas honorífico, mas o que se sabe é que ela era a mãe do herdeiro Tutankhamon, por ela não ser mencionada nos textos muitas vezes os egiptólogos/as cogitaram que a mãe de Tutankhamon seria Nefertiti, mas isso é inverossímil. Segundo Jacq (1978, p. 70), parece que nenhuma das filhas do casal possuía uma personalidade suficiente para retomar o archote transmitido por seus pais e quando as dificuldades internas e externas ameaçaram a civilização egípcia, no momento em que a saúde de Akhenaton ia, talvez, declinando, a ausência de um "continuador" vigoroso se fez notar cruelmente e por isso antes de Tutankhamon assumir o poder outros reis assumem a regência do Egito.

A representação de Nefertiti como uma sacerdotisa, também é discutida por ambos os autores e todos possuem opiniões semelhantes. Nefertiti como podemos observar era muito mais do que uma esposa e uma mãe, ela preenchia com perfeição estas duas funções, mas com toda certeza não se limitava a um papel de mulher passiva e submissa, tudo indica que até o ano 15 do reinado de Akhenaton, Nefertiti foi uma das "cabeças pensantes" da civilização amarniana, quando não a principal, e que ela enalteceu sem restrição o culto de Aton (Jacq, 1978, p. 70). Segundo Jacq (1978), Nefertiti é "aquela que faz o Aton repousar com sua voz meiga e cujas belas mãos carregam sistros", ele a caracteriza como uma crente e uma mística da mesma forma que Akhenaton. Pois, um de seus nomes sagrados era o de "Justa é a Bondade de Aton" (uma das possíveis traduções para o termo egípcio *nefer* que significa "bonito, bom, justo" que faz alusão a plenitude do ser) e esse nome assinalava o engajamento religioso da rainha.

Por vezes Nefertiti foi representada sem a figura de Akhenaton nos cultos ritualísticos e em outras cenas os dois foram representados juntos. De acordo com a análise de Souza (2012, p.

¹³ Ankhesenamon será a esposa de Tutankhamon o único filho homem que Akhenaton teve, eles possuem esse nome terminados em "amon", porque no reinado de Tutankhamon ele voltou para as práticas religiosas antigas voltando-se para o culto do deus Amon. Anteriormente com o culto de Aton os seus nomes terminam com o nome do deus "aton".

111-112), em algumas cenas o papel ritual da rainha é relativamente tradicional, portanto Nefertiti em algumas cenas é retratada em uma escala consideravelmente menor que o rei segurando o cetro de rainha egípcia ou chacoalhando um sistro (tipo de chocalho ritualístico) e ambas funções são exercidas normalmente por uma figura feminina no ritual. Em outras cenas, ela aparece em escala muito menor que o marido e repete as ações do faraó, segurando ela mesma oferendas. A autora ainda afirma que a exclusividade de Nefertiti poder fazer ofertas e cultos sozinhas prostrando-se diretamente ao deus Aton, acompanhada das suas filhas, não é exibida por nenhuma outra rainha desde Hatshepsut que, como faraó, tinha esse direito. Mas também relata que essa exclusividade simplesmente segue um costume antigo no qual a figura do marido é omitida quando a esposa é o foco de um culto.

De fato as rainhas anteriores tiveram um papel em certos rituais, sobretudo nos cultos de deusas femininas como Hathor e no cumprimento do tradicional ofício das rainhas da XVIII dinastia, o de "Esposa do Deus", mas vale lembrar que Nefertiti não possui o título de "Esposa de Deus" por ele ser exclusivo do culto a Amon, além disso as rainhas não participavam dos grandes cultos estatais pois só os reis eram representantes exclusivos da espécie humana perante o deus. Porém, não foi só a rainha Nefertiti que participou dos rituais oficiais com o rei, mas também a esposa secundária Kia. De qualquer maneira, a importância de Nefertiti na nova religião é inquestionável, mesmo antes da finalização das mudanças realizadas por Akhenaton, ela aparece, ainda em Karnak, fazendo oferendas ao Aton sem a presença do rei. Sua relevância na religião atoniana é também comprovada por aparecer em capelas familiares privadas, sentada junto de Akhenaton sob o disco do Aton. Ela assumiu uma posição equivalente como sacerdotisa do culto diário e até mesmo foi retratada em Karnak usando o mesmo tipo de roupa usada pela "Esposa do Deus". Nefertiti possuía outros títulos que lhe foram atribuídos e que mostram o seu papel no reinado de Akhenaton, como o título de "Senhora do Alto e Baixo Egito" e "Senhora das Duas Terras", por exemplo, possuía tanta importância quanto o faraó.

Nesse sentido, Souza (2012, p. 112) argumenta que Nefertiti pode não ter sido uma pessoa que exerceu poder e ingressou nas funções religiosas que até então eram dominadas pelos faraós, mas que a religião de Aton a chamava para a inclusão do princípio feminino no culto para se contrapor ao princípio masculino, mantendo assim o equilíbrio cósmico. Ela destaca que mesmo assim, não se pode negar que Nefertiti assumiu além de funções sacerdotais, outras que antes nenhuma outra rainha havia assumido.

Na visão da Tyldesley (2018), algumas cenas de Nefertiti mostram ela fazendo oferendas a Aton em Tebas no Templo Benben, auxiliada por sua filha mais velha, Meritaton. Nefertiti é retratada como uma mulher magra e angular usando um elaborado vestido plissado e uma coroa estilo Hathor empoleirada em cima de uma longa peruca. Meritaton é retratada como uma Nefertiti em miniatura e não como uma criança, carrega um sistro, o chocalho religioso frequentemente associado ao culto de Hathor. Aton aparece alto no céu, seus raios estendendo sua bênção sobre a rainha e sua filha. A autora relata que estas imagens são frequentemente citadas como prova de que Nefertiti foi, mesmo no início de sua reinado do marido, autorizada a usurpar o papel sacerdotal do rei, se tornado assim uma sacerdotisa. A autora Tyldesley (2018), compartilha da mesma opinião que Souza (2012), em circunstâncias normais quem deveria estar fazendo todas as oferendas em qualquer templo estatal era o rei e não a rainha, só que quando o marido estava ausente a mulher era autorizada a exercer essa função. Contudo, se o Templo Benben fosse dedicado a ritos puramente femininos, não seria um templo estatal normal e as regras normais não se aplicariam. Pode ser que Akhenaton esteja ausente porque, se estivesse presente, bloquearia o acesso de Nefertiti ao deus, fazendo assim com que se mantivesse o equilíbrio cósmico dos princípios masculinos e femininos. Tyldesley (2018), compara o trabalho de Nefertiti no Templo de Benben com os rituais tradicionalmente realizados pelas “Esposas de Deus” da XVIII.

De acordo com Jacq (1978, p. 71), na cidade do sol as funções rituais de Nefertiti era participar ativamente das cerimônias e provavelmente tinha a seu cargo um santuário o nome era “Moradia de repouso de Aton”, onde se celebravam os ritos do pôr-do-sol, Akhenaton realizava a sua prece no levantar do sol e a rainha segundo ele “tranquilizava o coração dos homens no momento em que durante algumas horas desaparecia a energia luminosa”. Nefertiti era grã-sacerdotisa do culto de Aton e dirigia um clero feminino que festejava a divindade segundo um culto particular. Segundo Jacq (1978), Nefertiti afirmou-se no mesmo pé de igualdade com Akhenaton nas práticas da nova religião, reunindo alguns por menores, percebe-se que ela obteve uma atividade muito incrível durante toda a revolução amarniana. Não se contentando em aprovar as medidas do seu marido, ela também tomava iniciativas pessoais e comportava-se como uma autêntica soberana que às vezes não teme usurpar as prerrogativas tradicionais do faraó.

Sobre a imagem de Nefertiti como uma deusa, essas associações com a ideia de divindade vem através das iconografias encontradas e segundo a tese de Souza (2012, p. 112), de acordo com a autora essas associações iconográficas estariam relacionadas ao papel de divino faraó e não no papel de deusa em si, é como se ela tivesse esse caráter divino por representar o faraó e não a deusa, mas sim sendo o faraó o próprio deus encarnado, fica uma linha tênue entre essas visões. É importante lembrar que não se pode deixar de lado a concepção de mundo e o conceito do divino dos antigos egípcios que, no caso de Amarna, serviu para promover o próprio papel do deus Aton e consequentemente o do rei e da rainha.

Na concepção da religião atoniana, Akhenaton e Nefertiti eram Shu e Tefnut encarnados, Shu e Tefnut foram os primeiros seres sexualmente diferenciados do Egito. Shu era força vital associada ao ar seco, à névoa e à luz solar, presente em todos os nascimentos e com grande capacidade de cura. Como filho de Atum, que era o primeiro rei do Egito, Shu era herdeiro do trono. Tefnut era a sua rainha e complemento: ela era uma força vital sombria associada à umidade que pode aparecer como uma mulher, uma leoa ou uma mulher com cabeça de leão. Como filha do deus sol, ela poderia ser equiparada à deusa Maat (deusa da ordem, equilíbrio e justiça); como todas as deusas solares, ela era muito leal ao seu rei. Segundo Tyldesley (2018), Akhenaton se equiparava a Shu, podemos dizer também que ele equiparava Nefertiti a Tefnut e seu pai a Atum. Isto significa que quando vemos, uma cena de Akhenaton e Nefertiti sob os raios de Aton, podemos interpretá-la como se o casal real estivesse adorando o seu deus, como se eles fossem Shu e Tefnut sob os raios de seu pai Atum; ou talvez Akhenaton e Nefertiti adorando Amenófis III.

Dessa forma, Nefertiti desempenhou um papel fundamental no culto do Aton, preenchendo uma lacuna deixada pelo banimento das deusas tradicionais, de início, Nefertiti usou as insígnias comuns das rainhas, incluindo as duplas plumas, os chifres e o disco, o Ureus e o Duplo Ureus (adorno localizado nas coroas dos faraós e deuses no formato de serpente), todos com significação solar, mas não utilizou a coroa da deusa Mut (esposa de Amon) por não ser adequado para a teologia de Aton e a partir do quarto ano de reinado ela passou a utilizar a famosa alta coroa azul, que a deusa Tefnut usava (Nefertiti é comumente conhecido devido a essa coroa que ela está representada com ela em diversas iconografias e principalmente em seu famoso busto).

Como destacado anteriormente no tópico sobre a arte amarniana, Nefertiti e Akhenaton faziam parte de uma tríade divina, eles deveriam ser adorados para intercederem pelas preces do seu povo junto ao deus primordial Aton. Diversas estelas (placa de pedra que contém imagem ou inscrições) foram encontradas na cidade de Amarna, ficando claro que o culto doméstico ocorria nas casas e que Akhenaton substituiu as deidades que tinham sido comuns na religião tradicional pela nova trindade.

Figura 05- Akhenaton e sua família



Fonte: <https://uk.pinterest.com/pin/398639004516349045/> Acesso em: 14 out. 2024.

Como está expresso nesta imagem que foi encontrada em uma das casas do povo que vivia em Amarna, geralmente essas estelas ficavam na frente da casa ou dentro das casas para fazerem as orações ao deus Aton através da família de Akhenaton. Esta cena mostra Akhenaton sentado no lado direito, Nefertiti sentada ao lado esquerdo e suas três filhas em uma cena de intimidade familiar recebendo a proteção dos raios solares pelas mãos do deus Aton.

De acordo com Jacq no livro *As Egípcias: Retratos de mulheres no Egito Faraônico* (2000, p. 115), Nefertiti também estava presente nos rituais funerários, as tumbas de Amarna mostram que os funcionários enviam preces ao rei e à rainha, pedindo-lhe, por exemplo, para conceder a visão da bela face do deus diariamente. Ela cumpre o mesmo papel de intermediária do deus como o seu marido nessas preces, porém era necessário que os ritos de ressurreição fossem praticados, com quatro deusas colocadas nos cantos do sarcófago (essas deusas eram Ísis, Néftis, Neith e Selkit) e que recitassem as litanias mágicas que invocavam as deusas. Nefertiti foi

a deusa que substituiu todas elas, ela é o próprio sol feminino que dá a vida, portanto é incontestável a ideia de Nefertiti como uma deusa já que o contexto histórico em que ela vivia e o projeto religioso de Akhenaton a fazia ser uma deusa juntamente dele e juntos substituíam os deuses tradicionais.

Um dos maiores mistérios da História de Nefertiti é a sua morte ou desaparecimento, além disso muitos historiadores/as durante um tempo, devido as imagens encontradas em Amarna cogitaram que ela reinou o Egito logo após a morte de Akhenaton, se tornando assim uma mulher-faraó. No entanto, é aqui que os autores/as analisados neste trabalho entram em divergência sobre esse possível reinado, essas divergências ocorrem devido as análises dessas imagens em que Nefertiti é apresentada como nenhuma outra rainha teria sido representada, com exceção das mulheres que se tornaram faraós, as análises das coroas utilizadas por ela nessas representações também é um ponto importante e principalmente o tamanho de suas figuras em algumas imagens que a colocam equiparadas a Akhenaton (Ver fig. 1, fig. 2 e fig. 3).

Segundo Jacq (1978, p. 73), os egiptólogos criaram diversas teorias sobre o desaparecimento ou morte de Nefertiti e ele as analisa em seu livro, a primeira teoria descreve que Nefertiti teria tomado consciência dos graves perigos que a política de Akhenaton acarretaria ao Egito e ela teria abandonado a religião de Aton a fim de salvar o país, a rainha teria feito uma aliança com os sacerdotes de Amon e convencida por eles de que o projeto do seu marido era perigoso para o futuro do Egito, Nefertiti teria se retirado para um palácio em companhia do jovem Tutankhaton e que logo depois reinaria com o nome de Tutankhamon. O seu pai Ay, teria ajudado ela nessa missão de preparar Tutankhamon para tomar o poder de Akhenaton, que já estava doente e para Nefertiti, este era o único meio de preservar a continuidade monárquica e de garantir um retorno à ordem voltando-se para o culto de Amon. Essa teoria coloca Nefertiti como a salvadora e traidora do seu marido que tanto amava e da revolução religiosa que era tão devota.

A segunda explicação também é descrita uma discórdia entre o casal, dessa vez coloca Akhenaton como o traidor do seu próprio projeto religioso e coloca Nefertiti como mais fiel a Aton do que o próprio idealizador de tudo, pois Akhenaton iria voltar ao culto de Amon e neste percurso ele envia o seu mais novo braço direito que seria Smenkhkare (marido de Meritaton) e não mais Nefertiti, devido a isso essa teoria coloca Nefertiti e o seu marido novamente em desalinhamento de suas visões sobre o Egito e diminuição do amor entre os dois. Segundo o egiptólogo John Pendlebury (um dos pesquisadores da localidade de Amarna e que Jacq sempre

cita no seu texto, mas não referência a data em que o autor publicou), Nefertiti teria assassinado Smenkhkare e morrido apenas no terceiro ano do reinado de Tutankhamon, depois de ter exercido uma regência fiel ao culto de Aton e teria sido ela quem impediu o faraó corresponder às iniciativas do clero de Amon e de retornar a Tebas, e Tutankhamon só teria voltado aos cultos antigos após a morte da rainha (Jacq, 1978, p. 74).

A última teoria é descrito a opinião do autor Christian Jacq (1978, p. 76), ele teoriza que no 13º ou 15º ano do reinado de Akhenaton, a rainha Nefertiti passou a residir num palácio que se chamava "Moradia de Aton", logo após a morte da sua segunda filha Meketaton, a morte de Meketaton abalou casal e Nefertiti ficou profundamente afetada por essa morte e decide ficar reclusa no palácio. Esse palácio serviria de mansão para a rainha que se separava voluntariamente do seu esposo, pois em uma parte do palácio o nome de Nefertiti é apagado e o nome da rainha é substituído pelo de Meritaton, sua própria filha. Segundo Jacq (1978, p. 76):

No Egito, a morte não constitui um acontecimento que deve inicialmente traduzir-se por um boletim de óbito devidamente registrado por um funcionário. Ela é uma transformação do ser, uma metamorfose como tantas outras. Assim, quando um personagem importante desaparece, é costume realizar um certo número de ações rituais que prolongam sua personalidade imortal sem, contudo, celebrar sua memória duma maneira direta. É por isso que, depois da morte da rainha, os escultores de Amarna modificaram diversas representações da rainha a fim de torná-la semelhante à sua filha Meritaton, que se tornava a primeira dama do reino. Se suprimiram o nome de Nefertiti no seu "pavilhão sombreado", para substituí-lo por aquele de Meritaton, isso não foi devido a uma desgraça ou a uma revolta da rainha; essa substituição dos nomes era simbólica. [...] esse "pavilhão sombreado" tinha por função renovar todos os dias o poder vital e as forças criadoras da rainha.

Portanto, esse apagamento fazia parte de um simbolismo religioso, com a morte de Nefertiti "transferiu-se" o santuário para a sua filha que dele tomava posse e organizava então sua regeneração cotidiana, de acordo com os ritos secretos das comunidades femininas de Amarna. O autor destaca que o nome de Nefertiti está ligado aos escândalos ocorridos nos fins do reinado de Akhenaton, por isso muitas teorias de traição foram criadas e ao ver do autor não houve nenhum escândalo, apenas Nefertiti teria ficado "transtornada com a morte de sua filhinha, esgotada pelos deveres de seu cargo, Nefertiti entregou seu espírito ao sol depois de ter combatido sem esmorecimento ao lado do rei." E Akhenaton sozinho, se perdeu diante da oposição à sua política e chega ao fim o seu reinado com a sua morte.

Discutindo ainda sobre a vida de Nefertiti, a sua filha Meritaton, "a amada de Aton", era considerada parte da trindade sagrada formada pelo pai, mãe e filha, ela está inserida em diversas

cerimônias caminhando atrás da mãe e manuseando um sistro para afastar as influências maléficas. Como ela ocupava uma casa própria em Amarna, de acordo com Jacq (1978) Meritaton parecia que ela era prometida às mais altas funções e por isso recebeu o título de "grande esposa real", além de posteriormente ter casado simbolicamente com o seu pai (isso já seria um provável indício de que Nefertiti estaria morta ou de fato teria brigado com Akhenaton) e logo depois ela desaparece da cena pública ficando mais um mistério se ela faleceu muito nova ou apenas decidiu retirar-se da vida política.

Neste momento aparece mais um enigma da História, que é Smenkhkare de acordo com os egiptólogos/as ele era casado com Meritaton, porém não se tem quase nenhuma imagem de fato que o apresente nas cenas encontradas em Amarna, Smenkhkare participará do trono juntamente com Akhenaton. Alguns egiptólogos acreditaram que Smenkhkare seria Nefertiti, pois um dos seus nomes é formado dum epíteto reservado a Nefertiti (Neferneferuaton que é um epíteto próprio de Nefertiti) e de um segundo epíteto reservado a Akhenaton (amado de Uaenrê, epíteto próprio de Akhenaton), "se seguíssemos ao pé da letra a "matemática" dos símbolos egípcios, poderíamos dar com essa incrível conclusão de que o co-regente de Akhenaton é a "soma" do rei e da rainha, o que simboliza a unidade do casal formado por Akhenaton e Nefertiti" (Jacq, 1978, p. 72).

Devido a esse epíteto algumas listas de faraós colocam Neferneferuaton como tendo reinado logo após Smenkhkare (reinado que durou uns dois ou três anos), como é apresentado no livro do egiptólogo Aidan Dodson *Nefertiti, Queen and Pharaoh of Egypt* (2020, p. 83), no livro ele traz uma visão de que as nomeações de Smenkhkare e Neferneferuaton para a co-regência eram meios de garantir a adesão ao trono do jovem Tutankhamon sem a necessidade de uma regência de terceiros. Neste caso, quando Akhenaton morreu, Neferneferuaton teria passado de co-regente de seu marido para co-regente do novo rei, Tutankhamon. Embora alguns argumentem que ele só teria se tornado rei depois da morte de Neferneferuaton.

De acordo com Anna Cristina (2012, p. 75), o grau de importância que Akhenaton atribuía a Nefertiti, chegando até a dizer em um dos escritos que se ela pedisse para ele desistir ele não seria persuadido por ela a atender esse pedido. Ela relata que Nefertiti poderia ter sido contra a esse projeto e isso justificaria porque ela, ao se assumir como faraó Neferneferuaton após a morte de Akhenaton, tenha retornado tão rapidamente aos antigos cultos. Atualmente a opinião de que Nefertiti teria governado como rei está se tornando cada vez mais aceita pelos

estudiosos/as e também muito negada, pois não se tem uma conclusão de fato e as evidências são bem duvidosas, fazendo assim com que cada estudiosos/as não cheguem a um consenso sobre o que teria ocorrido já que o final do reinado de Akhenaton é muito conturbado. A autora Anna Cristina (2012), acredita e tenta provar que Nefertiti reinou logo após a morte Akhenaton, ela tenta comprovar isso através da análise da arte amarniana em que Nefertiti será representada utilizando algumas coroas e cetros típicos de faraós, cenas em que ela está adorando o deus Aton sem a presença do rei, cenas em que Akhenaton e Nefertiti estão equiparadas na mesma escala de tamanho (já que de acordo com a arte egípcia, existia uma diferenciação de tamanho entre os homens e as mulheres), cenas em que mostra ela menor que o rei, relativamente equiparada e algumas cenas em que Nefertiti está exercendo funções que seriam do faraó. De acordo com Souza (2012, p. 89), a rainha teria sido co-regente de Akhenaton depois do ano 13 de seu reinado quando o nome dela desaparece das fontes de Amarna e a autora sugere que talvez o reinado tenha sido dividido com Akhenaton governando em Amarna e Neferneferuaton (Nefertiti?) no restante do país, inclusive na cidade de Tebas. O papel de Esposa Principal do Rei, papel necessário para a realização dos cultos, teria sido transmitido para Meritaton, a primogênita do casal. Uma teoria um pouco diferente da de Jacq (1978), que traz a ideia de uma morte de Nefertiti e por isso Meritaton assume o cargo de Esposa Principal do Rei de forma simbólica.

Quanto a esses detalhes sobre o possível reinado de Nefertiti como Neferneferuaton, Souza (2012, p. 90) diz que ainda não é possível afirmar ao certo, mas existem alguns dados que validam essa hipótese. Segundo a autora, antes do reinado de Tutankhamon, o trono do Egito teria sido ocupado pelo faraó Neferneferuaton, seguido logo depois por Smenkhkare. O primeiro é mais provavelmente a própria rainha de Akhenaton, pois o nome pessoal deste faraó é idêntico com a variação mais longa do nome de Nefertiti (Nefernefruaton), mas também o nome de trono é ocasionalmente escrito com uma terminação feminina (Ankhetkheprura no lugar do usual Ankhkheprura), ambos os nomes são marcados por um número de epítetos usados por Nefertiti enquanto rainha e também pelo seu sucessor Smenkhkare, que também usava o nome de trono Ankhkheprure, devido a isso muitos estudiosos/as associam que Smenkhkare seria Nefertiti.

Logo depois disso Souza (2012), analisa em uma tabela o nome de trono e nascimento do rei Nefernefruaton, ele possui seis nomes de trono incluindo dois com uma terminação feminina “Ankhetkheprure Amada de Warenra” e “Ankhkheprure Amada de Neferkheprure”, todos os outros são terminações masculinas e os nomes de nascimento são com o nome de

“Nefernufruaton” e a continuação é com a terminação masculina. De acordo com Tyldesley (2018, p. 182), Neferneferuaton e Smenkhkare não eram as mesmas pessoas e então para ela, quem são eles? Em seu texto ela destaca que não há representações nomeadas de Neferneferuaton, mas um grafite em uma tumba tebana refere-se ao 3º ano de reinado de “Ankhkheperure amado de Aton, filho de Rê: Neferneferuaton amado e Waenre (Akhenaton)”. Depois foi descoberto que inclui o epíteto “eficaz para o marido”, Neferneferuaton era então uma mulher. A autora citada anteriormente, relata que devemos procurar uma mulher poderosa operando no final do Período Amarna e que deveríamos voltar nossos olhos para a filha mais velha de Nefertiti, Meritaton, que era uma mulher de origem real com muito mais direito ao trono do que a sua mãe. Faria mais sentido se Meritaton sirva primeiro como Filha do Rei (para Akhenaton), depois como esposa do rei (para Smenkhkare) e, finalmente, como regente do seu jovem irmão Tutancâmon, que herdou o trono quando tinha apenas oito anos de idade.

Ao nosso ver partindo da hipótese de Anna Cristina (2012), o que poderia ter ocorrido foi que Nefertiti teve que utilizar-se de termos masculinos para se tornar faraó nessa parte do nome de nascimento, mas o que causa confusão é porque quando partimos para a análise do nome de Smenkhkare o seu epíteto feminino era Neferneferuaton ou Nefernufruaton, apresentando terminações femininas e masculinas entre os seus nomes de trono o que era necessário para a manutenção do equilíbrio cósmico que prega a complementaridade dos sexos garantindo o equilíbrio, a ordem, a verdade e a justiça pela deusa Maat para o Egito. Já a autora Joyce Tyldesley (2018, p. 179-180), afirma que não existem dúvidas sobre a existência de “Ankhkheperure Neferneferuaton” e “Ankhkheperure Smenkhkare”, seus nomes são encontrados em vários contextos de Amarna, mas não podemos ter certeza de quem eram ou que papel desempenharam na sucessão do trono. Muitos estudiosos/as acreditam que ambos são a mesma pessoa, Nefertiti, e ela apenas estava mudando seu nome à medida que avançava de co-governante (Ankhkheperure Neferneferuaton) para rei solo (Ankhkheperure Smenkhkare). Tyldesley (2018) destaca que esta modificação no nome teria sido algo inédito e incomum, pois nenhum consorte jamais se tornou co-governante oficial ao lado do marido e, duas mulheres anteriores a Nefertiti, uma da XII dinastia a rainha Sobeknofru e uma da XVIII dinastia a rainha Hatshepsut que governaram o Egito como reis do sexo feminino, ambos tiveram pais reais diferentemente de Nefertiti que não vinha de uma família real, portanto o seu reinado seria algo bem incomum.

Segundo Souza (2012, p. 91), partindo da ideia do provável e curto reinado de Nefertiti, o culto a Aton já teriam entrado em declínio, dando espaço para o retorno para as antigas tradições, essa teria sido uma manobra política para tentar restabelecer o poder que havia sido enfraquecido durante o reinado de Akhenaton, pois o clero de Amon havia ganhado mais força e poderia trazer mais segurança ao novo governante. Por fim, a autora afirma que existe provavelmente duas hipóteses para o fim da rainha Nefertiti, ela teria morrido depois do seu marido e reinado por um curto período de tempo ou morreu sem governar, quando no ano 13 ou 14 do reinado de Akhenaton ela desaparece dos registros, mas ela defende que Nefertiti foi de fato uma faraó.

Sobre o fim de Nefertiti, a autora Joyce Tyldesley (2018) argumenta que Nefertiti estava viva e desempenhando seus deveres normais de consorte pouco antes da morte de Akhenaton.

[...] a última data registrada vem de uma jarra de vinho rotulada “ano 17, segundo mês da inundação”. Com base nesta evidência, parece que Nefertiti sobreviveu ao marido ou faleceu antes dele por um ano ou menos. Se ela sobrevivesse a Akhenaton, esperaríamos que ela tivesse transferido seu papel para sua sucessora como rainha consorte e tivesse desaparecido um pouco de nossa visão. Dependendo de onde e quando ela morreu, ela poderia ter sido enterrada na tumba real de Amarna. Se ela tivesse falecido antes de Akhenaton, teríamos esperado que ele tivesse mantido o seu plano original e enterrado a sua esposa no túmulo real ou muito perto dele (Tyldesley, 2018, p. 175-176, tradução livre).

Nefertiti parece ter morrido de forma trágica por alguma doença, a rainha magra e frágil, que parecia doente a ponto de consumir, simplesmente sucumbiu à doença, pois existe uma escultura localizada no grupo de tumbas do Norte em que ela aparece no último estágio, com as bochechas encovadas, o rosto outrora belo reduzido a nada, e a morte obviamente não está longe. De acordo com Tyldesley (2018), o túmulo real não nos concede muitas informações sobre este assunto, pois foi esvaziado por Tutankhamon, que ela presume ter transferido todos os túmulos e bens importantes e valiosos para Tebas, e posteriormente foi saqueado pelos habitantes locais em algum momento durante o início da década de 1880, antes de sua redescoberta ser concluída e pode ter sido saqueada muitas vezes antes do ocorrido. Devido a isso, é muito difícil avaliar quem foi e quem não foi enterrado ali, a autora afirma que não há menção à morte de Nefertiti nem no túmulo real nem em qualquer outro lugar e a única evidência do seu enterro provavelmente estaria em Amarna.

Durante a História egípcia, existe um contingente significativamente grande de rainhas desaparecidas, esse desaparecimento significaria que elas morreram. No entanto, segundo Tyldesley (2018, p. 178) tem ocorrido uma relutância geral dos estudiosos/as em aceitar que uma

rainha tão proeminente como Nefertiti pudesse ter morrido sem Akhenaton nos informar da sua morte, e isto levou a criação de diversas teorias como as destacadas pelo autor Christian Jacq (1978) sobre o seu inexplicável desaparecimento. Tyldesley (2018) relata que essas teorias são meras criações literárias postas para confundir o nosso pensamento sobre o fim do Período Amarna.

A teoria de que Nefertiti havia se transformado em uma mulher-rei para governar ao lado de Akhenaton como co-regente, de acordo com Tyldesley (2018) surge na década de 1970, com o filólogo John Harris que escreveu uma série de artigos que levaram a acreditar nessa hipótese de que ela poderia ter governado o Egito seja como rei solo ou como regente, antes de Tutankhamon subir ao trono. Segundo a autora, essa teoria é apoiada por uma certa quantidade de evidências linguísticas e artísticas indiretas, mas, como isso ocorre em muitos contextos no Período Amarna, isso está longe de ser conclusivo e possivelmente verídico. Muitas dessas evidências surgem da tumba dos homens de Tutankhamon, que possui muitos bens funerários reciclados dos enterros de Amarna.

Incluída entre esses objetos estava uma estatueta dourada que representa um rei vestido com um kilt e uma coroa branca, montado nas costas de um leopardo. A figura mostra o que foi descrito como “seios proeminentes e quadris baixos”. Alguns especialistas interpretaram isso como uma estatueta originalmente feita para uma mulher: uma peça criada para o enterro do rei Nefertiti, reaproveitada por Tutancâmon, talvez? Outros simplesmente o viram como um jovem Tutancâmon ao estilo Amarna (Tyldesley, 2018, p. 179-180, tradução livre).

Durante a maior parte do seu texto, a egiptóloga Joyce Tyldesley (2018) vai retirando quase toda a importância que foi dada a Nefertiti durante todos esses anos colocando-a como coadjuvante e não como faraó ou uma mulher especial ou diferente das outras rainhas, em alguns aspectos ela foi sim exclusiva, mas em outros nem tanto e utilizando esses outros aspectos para dar legitimidade ao seu reinado, pois durante todo o seu texto ela traz exemplos de outras mulheres da História egípcia que também obtiveram os mesmos privilégios que ela e afirmando que o contexto da época se fazia necessário a inclusão e ascensão feminina. De acordo com a autora Joyce Tyldesley (2018, p. 85), sobre o uso das imagens de Nefertiti para justificar a sua posição elevada ao cargo de faraó se deve porque vemos Nefertiti em ação, possuímos mais imagens que foram conservadas da rainha e que chegaram até nós de alguma forma e isso dá a impressão de que ela faz mais do que qualquer consorte anterior e, por sua vez, sugerem-se que ela seja mais importante.

Afirmações de que Nefertiti recebeu um status exaltado e excepcional para uma Grande Esposa de um Rei durante a história do Egito dinástico são comumente feitas, mas muito difíceis de confirmar. Aqui Tyldesley (2018), como em diversos outros momentos do seu texto faz comparações com a rainha Tiye, sua sogra e antecessora, segundo ela as rainhas consortes do final da XVII e do início da XVIII Dinastia eram mulheres talentosas com uma forte presença religiosa e política. Os deveres de uma consorte era que apoiasse o marido, protegesse seus filhos, realizasse ritos religiosos específicos de base feminina e, se necessário, substituísse o rei ausente ou falecido, porém após o reinado da faraó Hatshepsut, e talvez como uma reação contra ela, as consortes subsequentes semi-aposentaram-se da vista do público. E a rainha Tiye reverteu essa tendência se mantendo visível a sua atuação pública durante todo o seu casamento com Amenófis III.

Ela foi retratada ao lado de Amenhotep em monumentos públicos e em tumbas privadas, e seu nome foi associado ao dele em inscrições oficiais e em correspondência diplomática, de modo que sua reputação se espalhou por todo o império. Uma carta de condolências escrita por Tushratta de Mitanni após a morte de Amenhotep confirma que a influência de Tiy continuou no reinado de seu filho. Tiy foi intimamente identificada com as divindades solares Maat e Hathor, e ela se tornou a primeira rainha a adicionar os chifres de vaca e o disco solar de Hathor à sua coroa alta e emplumada. O único papel religioso proeminente que ela não desempenhou foi o de Esposa do Deus Amon, uma omissão que pode sugerir que Amon de Tebas já estava em desgraça com a família real. As mulheres mortais que se casaram com reis divinos adquiriram sua própria pátina de divindade. Fora do Egito, essa divindade viva tornou-se mais óbvia, e Tiy foi adorada como uma forma de Hathor-Tefnut no templo núbio de Sedeinga (Tyldesley, p. 82, tradução livre).

Dessa forma, é inegável que tanto Tiye quanto Nefertiti receberam prestígio e destaque na sua época, principalmente no âmbito do poder religioso e político. De acordo com Tyldesley (2018, p. 86-87) o poder político da rainha Tiye é atestado nas correspondências das declarações diplomáticas, já Nefertiti talvez não estivesse ganhando na esfera política e no contexto religioso Nefertiti possui templos, já Tiye não. Nenhuma das rainhas jamais demonstrou um poder igual ou superior ao poder do rei. Podemos afirmar que Nefertiti era excepcionalmente poderosa? De acordo com esta evidência, não.

A “cena de destruição” que por muitas vezes é relacionada ao poder político que Nefertiti provavelmente exercia, é uma cena que mostra o rei levantando o braço para despachar um ou mais inimigos estrangeiros que estão encolhidos. Segundo Tyldesley (2018), essa é uma cena que entra em contradição com a percepção popular moderna de que Akhenaton era um pacifista como destaca o egiptólogo Jacq (1978), pois nessas cenas podemos ver tanto Akhenaton como

Nefertiti matando os inimigos do Egito em cenas esculpidas tanto em Amarna como em Karnak, embora isso possa se tratar de uma imagem simbólica, pode ser que estejamos testemunhando um ritual real. De acordo com Tyldesley (2018, p. 89), a ideia de que a maioria dos inimigos estrangeiros poderia ser vencida pelos rituais dos templos egípcios era um meio aceito de derrotar inimigos, a imagem do rei como um guerreiro vitorioso matando inimigos representativos é uma ilustração de Maat em ação: o faraó cumprindo o seu dever de subjugar o caos, representado pelos estrangeiros e a rainha espancando prisioneiras exatamente da mesma maneira é, até onde sabemos, uma inovação durante o reinado de Akhenaton.

Figura 06- Nefertiti derrotando os inimigos¹⁴



Fonte: DODSON, Aidan. Nefertiti, Queen and Pharaoh of Egypt: Her life and afterlife (lives and afterlives). 3. ed. Estados Unidos: The American University In Cairo Press, 2020. p. 61

A autora Joyce Tyldesley (2018, p. 89), também fala sobre as coroas que Nefertiti utilizou e que também é muito citada por outros autores/as como provas de que ela foi uma mulher que reinou no Egito. A maior referência que possuímos quando pensamos em Nefertiti é o seu busto com a alta coroa azul, embora a maioria das esculturas em pedra contenham o nome e os títulos

¹⁴ Nefertiti é demonstrada ferindo um inimigo na cabine de sua barca dentro de uma cena do templo de um quarteirão de Amarna, reutilizado em Ashmunein. (Dodson, 2020, p. 61)

do tema inscrito, já o busto de Nefertiti não. De acordo com Tyldesley (2018), a coroa de Nefertiti tornava única a sua identidade óbvia para todos, vemos essa coroa em muitas artes e esculturas de Amarna e cada vez que a vemos identificamos quem a usa como Nefertiti, essa identificação das pessoas pelos seus acessórios não é ideal, pois até que ponto associamos automaticamente esta coroa específica a Nefertiti?

Segundo Tyldesley (2018, p. 90), tanto Nefertiti quanto Akhenaton exibem uma variedade de coroas, as coroas em geral separavam a realeza de seus súditos, e cada coroa era investida de seu próprio simbolismo e significado específicos. Em Tebas, no início do reinado de seu marido, vemos Nefertiti usando o uraeus simples ou duplo sobre uma peruca longa e pesada, que muitas vezes era posto em cima da alta coroa de penas ornamentada com chifres de vaca e disco introduzido anteriormente por Tiye.

Figura 07- Cena ritual de Nefertiti



Fonte: SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. Nefertiti: sacerdotisa, deusa e faraó. São Paulo: Madras, 2012. P. 144.

De acordo com Souza (2012, p. 144), nessa imagem Nefertiti aparece oferecendo um buquê de flores a Aton, seguida de sua filha que chacoalha um sistro ritualisticamente. A rainha é retratada de forma bastante estilizada e andrógina, veste um vestido plissado e ostenta a coroa Theni, alta e plana, com o ureus à frente, encimada por duas plumas, com o disco solar ao centro,

ladeado por dois chifres de carneiro e não de vaca como da deusa Hathor. É possível observar um dos braços do disco solar acariciando a coroa da rainha.

A coroa também será usada pela irmã de Nefertiti, Mutnedjemet consorte do faraó Horemheb (1319-1292 a.C.), outra coroa usada nessa época foi a “coroa do boné”, um gorro justo decorado com um uraeus e uma fita ou faixa na base, que às vezes é confundida com a alta coroa azul. Essa coroa também foi usada pelas rainhas Meritaton e Ankhesenpaaton (como a esposa dos homens de Tutankhamon, Ankhesenamon) e, nos tempos pós-Amarna, será usada pelos reis Raméssidas. Nefertiti ocasionalmente usa o pano de cabeça khat, uma cabeça em forma de saco, uma touca que geralmente era usada por reis, mas também usada por Tiye e pelas deusas Ísis e Néftis. Contudo, a autora destaca que Nefertiti nunca é vista usando a coroa de Akhenaton, e a única visão dela usando algo parecido com uma coroa de rei vem da tumba de Panehsy (um alto funcionário do templo de Amon) em Amarna:

[...] Nefertiti usa um lenço de khat encimado por uma coroa atef ornamentada; uma coroa que, durante o Novo Império, incorporou penas de avestruz, chifres de carneiro e de touro, um disco solar e múltiplos uraei. Ela está atrás de um Akhenaton de maior escala, que usa um lenço na cabeça de nemés e um atef ainda mais elaborado, incluindo duas cobras extras e três falcões adicionais. A coroa de Akhenaton é maior, tem mais elementos e parece muito mais majestosa do que a de Nefertiti (Tyldesley, 2018, p. 90, tradução livre).

De acordo com a autora, a coroa de Akhenaton era maior e mais majestosa que a de Nefertiti, representando assim que eles não eram iguais ou possuíam status iguais. Sobre o fim de Nefertiti, a autora relata que os/as pesquisadores/as ainda estão em constante busca para descobrir de fato o fim da rainha, onde está sua tumba e seu corpo. Segundo Tyldesley (2018, p. 185) a XVIII dinastia é cheia de rainhas desaparecidas e múmias femininas não identificadas, a busca para encontrar Nefertiti tem sido bem convincente e tem ganhado a atenção da imprensa mundial, a autora sugere que Nefertiti pode ter sido enterrada na margem oeste de Tebas. Desde estudos do ano de 2010, alguns acreditam ter encontrado a possível múmia de Nefertiti, com base no formato do crânio, na estrutura óssea, na cabeça raspada e o piercing nas orelhas, essa múmia ficou conhecida como a “Senhora Mais Jovem”, que foi descoberta como parte de um enterro secundário em uma câmara lateral na tumba de Amenhotep II (KV 35), existem alguns dados que essa Tutankhamon era filho de Akhenaton e de uma irmã de sangue puro nesse caso

seria essa “Jovem Senhora”, que alguns egiptólogos/as acreditam ser Nefertiti, partido-se da teoria de que Nefertiti e Akhenaton eram irmãos ou primos e que essa múmia seria Nefertiti.

Segundo Tyldesley (2018), outros pesquisadores/as acreditam que Nefertiti não foi encontrada e que poderia estar em alguma das paredes de gesso da câmara mortuária de Tutankhamon (KV 62) que escondem duas portas, uma que conduz a uma sala de armazenamento e outra ao enterro imperturbado de Nefertiti, partindo da hipótese de que a tumba de Tutankhamon é pequena porque possui uma entrada para uma tumba muito maior, que foi construída para abrigar o enterro de Nefertiti após seu reinado como a faraó. Porém segundo a autora, este seria um desenvolvimento extraordinário, mas sem precedentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante essa pesquisa abordamos um pouco da história da Historiografia, História Cultural e o conceito de representação por Roger Chartier (1990). Abordando a discussão de que toda pesquisa historiográfica se articula através de uma narrativa histórica a partir de um lugar social, uma prática e uma escrita, pois nenhuma produção historiográfica é neutra e dentro da escrita de um historiador/a sempre iremos identificar o seu lugar social e os seus interesses durante a escrita daquela produção, a sua corrente historiográfica, o seu lugar socioeconômico, político e cultural na sociedade que ele está inserido.

Discutimos também, a representação historiográfica criada sob a imagem da Rainha Nefertiti da XVIII Dinastia, partindo-se da ideia de que a representação nas sociedades antigas, eram transformadas em uma forma de criação de respeito e submissão, através dos vestígios materiais e escritos daquela sociedade podemos observar, como a elite do Egito Antigo era representada de acordo com os seus interesses e da forma que eles gostariam de serem visto pela população. A partir disso analisamos, três obras historiográficas de anos diferentes, para analisar como a Rainha Nefertiti foi representada por esses autores e as hipóteses apontadas por eles sobre a vida dessa célebre rainha. Para analisar essas obras partimos do "lugar social", segundo Certeau (2010), em que ele está inserido, ao considerar que o trabalho do historiador/a irá deixar implícito o lugar em que vive, através da sua escrita e devemos observar o contexto em que a obra foi produzida, os autores escolhidos para compor o texto analisado, as escolhas

teóricas-metodológicas de cada autor/a e assim entenderemos as versões históricas construídas sobre Nefertiti. Discorreremos sobre a biografia de cada autor/a, falando sobre o processo de escrita de seus livros sobre Nefertiti e como eles abordaram a história da rainha.

Discutimos também sobre a História das Mulheres, desde a sua origem, dificuldades enfrentadas para que se fizessem parte da História, pontuando a dificuldade que é em se fazer uma História das Mulheres, devido a falta de registros por elas não terem sido mencionadas durante muito tempo na história e algumas mulheres terem sido apagadas da história, e quando nos voltamos para a História dessas mulheres devemos perceber os detalhes que a envolve tentando encontrar pequenos vestígios de suas histórias. Dando destaque para a História das Mulheres na Antiguidade, pois não temos muitas fontes sobre as mulheres de todo o mundo, e as mulheres do Ocidente sim, algumas tiveram boa parte da sua vida documentada e devido a isso temos mais vestígios e registros da sua história, mas outras mulheres como as da Ásia, África e Oriente Médio ainda são desconhecidas e quando as conhecemos ainda possui diversas lacunas sobre a sua História. Percebemos que isso se torna ainda mais difícil quando partimos para os estudos das mulheres do Oriente Médio como as da civilização egípcia, ainda estamos em constante descoberta sobre a história dessa civilização que era o berço de cultura, tecnologia e desenvolvimento para a sua época. Além disso, discutimos as teorias sobre a visibilidade e importância que a mulher obtinha naquela sociedade, pois elas desempenharam papéis de grande importância que em outras sociedades as mulheres não ocupavam, como o cargo de Faraó, vizir, musicista, juíza, sacerdotisa, artesã, entre outros cargos.

Percebendo que durante essa civilização as mulheres não eram passivas e submissas aos homens, entretanto, isso não quer dizer que elas não vivessem em uma sociedade patriarcal. Contudo, devemos lembrar que existem diversas hipóteses sobre as mulheres terem ganhado uma igualdade jurídica ou se elas desempenharam um papel secundário, mas esses conceitos e ideias são utilizados a pouco tempo e temos que olhar para esse período histórico de acordo com o pensamento egípcio. Ao analisar as obras sobre esse assunto, a nossa análise é de que a civilização egípcia possuía a sua ordem regida pela religião e segundo o pensamento deles a ordem deveria ser mantida por ambos os sexos, cada um com a sua divisão de tarefas trabalhando de forma unitária, sem divisão de sexos ou a dualidade de inferior/superior, para manter o equilíbrio cósmico fornecido pela deusa Maat.

Sobre as mulheres egípcias, ainda é pequeno o número de fontes produzidas academicamente sobre elas aqui no Brasil, dificultando assim abordagens sobre a temática e isso se torna ainda mais complicado quando pesquisamos sobre a vida de mulheres específicas como as rainhas, sacerdotisas, mulheres faraós, vizir, as mulheres camponesas e escravizadas, isso tudo devido a falta de registro, mas conseguimos decifrar a história de algumas delas através da arte e escrita egípcia, porém quando voltamos o nosso olhar para as mulheres que não fizeram parte da alta sociedade, encontramos uma escassez de registros. Esse não é o caso da rainha Nefertiti, com ela temos uma lista gigantesca de trabalhos que nos trazem diversas hipóteses sobre a sua vida e morte, mas a maioria das fontes se encontram na língua inglesa, francesa, entre outros idiomas o que dificulta o trabalho do historiador/a brasileiro/a que se debruça a estudar-lá.

Dessa maneira, essa pesquisa vem para contribuir com a historiografia brasileira, fazendo um apanhado das discussões sobre sua origem, cargos que ela desempenhou como sacerdotisa, deusa e possível faraó, e sobre a sua morte, através de uma análise bibliográfica. Além disso, também destacamos o contexto histórico em que a rainha Nefertiti estava inserida, mencionando a Revolução Amarniana realizada pelo seu marido Akhenaton e que ela teve uma crescente importância na consolidação dessa revolução na teocracia e arte egípcia.

Por fim, fica evidente o extenso debate sobre Nefertiti desde a sua vida até a sua morte, observamos que ainda são pautas para debates entre os egiptólogos/as e historiadores/as, por não terem provas suficientes devido a perda de muitos vestígios arqueológicos pelos saqueamento das tumbas e as enchentes ocorridas no Egito. Um grande debate que existe atualmente é sobre o que teria acontecido com Nefertiti após o seu desaparecimento no ano 12 do reinado de Akhenaton, alguns discutem que ela faleceu e outros que ela trocou de nome se tornando Neferneferuaton e até Smenkhkare, para assim poder se tornar faraó do Egito após a morte de Akhenaton. Durante essa pesquisa, utilizamos autores/as que trazem opiniões divergentes sobre essa questão, uma tenta comprovar que ela foi faraó através da representação de Nefertiti na arte amarniana e a outra vai rebater essa hipótese, como muitos outros/as egiptólogos/as, com provas de que outras rainhas e princesas da XVIII dinastia também foram representadas com as coroas que Nefertiti utilizava, que também foram adoradas como deusas, também foram sacerdotisas e que não foi apenas Nefertiti a única a ter esses privilégios.

Contudo, ao examinarmos de fato essas hipóteses, não podemos retirar o mérito de que Nefertiti foi uma grande rainha que desempenhou funções de muita importância durante o

reinado de seu marido, possuindo autonomia para desempenhar funções que eram apenas do faraó, é devido essas iconografias que muitos alegam que ela tenha se tornado faraó, mas para nós ela não se tornou faraó após o final do reinado de Akhenaton, apontamos que ao desaparecer dos registros históricos ela de fato tenha falecido. Além disso, enquanto estava viva, ela apenas desempenhou o papel que mantém o equilíbrio cósmico do universo egípcio unindo o feminino junto ao masculino trabalhando em unidade. E não podemos nos apegar a iconografia apenas, pois ela possuía uma intencionalidade que era fazer relação com o divino e representar a hierarquia colocando os deuses e os faraós em escala maior do que as outras figuras, além disso sabemos que Akhenaton modificou a maneira de representar a arte egípcia trazendo o afeto, cenas familiares, modificando as escalas e utilizando no início do reinado a androginia para se legitimar ainda mais como filho do deus Aton, fazendo o mesmo com as imagens de Nefertiti.

Os dois eram filhos do deus Aton, deviam ser adorados pelo povo para que Aton atendesse as preces do povo egípcio e as imagens de Nefertiti pode muito bem ser adicionada a esse elemento, ela desempenhou sim as funções de deusa e sacerdotisa, além de desempenhar funções que eram do faraó, mas tudo isso faz parte da ideia de que eles dois eram filhos de Aton e deveriam em alguns momento serem “iguais” mostrando uma equidade entre os filhos do deus, dando assim margem para dar mais importância e elevação ao feminino, mas ainda são poucas as fontes que são apresentadas em que os dois ficam em escala igual não dando assim para se fundamentar de fato nessa hipótese de que ela teria se tornado faraó observando apenas a iconografia do período. Além disso, a XVIII dinastia foi a que mais deu visibilidade para as mulheres, possuindo rainhas e princesas atuantes nas áreas políticas e religiosas, assim como mulheres que desempenharam papéis que anteriormente eram destinados para os homens, porém tudo isso faz parte da ideia mágico-religiosa mantendo o equilíbrio cósmico do universo egípcio.

Por fim, muitos episódios fundamentais da vida de Nefertiti e do período Arminiano ainda permanecem na sombra, a ponto de podermos discutir explicações completamente contraditórias, atualmente os pesquisadores/as estão tentando descobrir a tumba em que provavelmente o corpo de Nefertiti está e encontrar a sua múmia para assim, poder responder metade das dúvidas existentes sobre a sua história.

REFERÊNCIAS

ASSAMN, Jan; Jenkins, Andrew (2003). **The Mind of Egypt: History and Meaning in the Time of the Pharaohs**. Traduzido por Andrew Jenkins. Cambridge: Harvard University Press. ISBN 978-0-674-01211-0.

BARROS, José D'Assunção . **A Escola dos Annales e a Crítica ao Historicismo e ao Positivismo. Territórios e Fronteiras**. (UFMT. Online), v. 3, 2011.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Tradução: Sérgio Góes de Paula - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CADIOU, François et al. **Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2007

CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro F. **Deuses, Múmias e Ziggurats**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. **Gênero e literatura ficcional, caso do antigo Egito no 2º milênio a.C.** In: Amor, desejo e poder na Antiguidade. Relações de gênero e representações do Feminino, Campinas: Editora Unicamp, 2003.

CARIA, Thamís Malena M. **Aspectos da condição feminina no antigo Egito**. Revista Mundo Antigo (NEHMAAT-UFF/PUCG), Campos dos Goytacazes (RJ), Ano II - Volume II- Número 1, pp 93-106, Junho, 2013. <http://www.nehmaat.uff.br/revista/2013-1/artigo04-2013-1> .pdf. Acesso em: 24/10/2024.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CORDEIRO JR., R. B. . **História da História ou da Historiografia como História Social**. In: Ariane Norma de Menezes Sá; Serioja Mariano. (Org.). Histórias da Paraíba - Autores e Análises sobre o Século XIX. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, v. , p. 16-36.

CRUZ, Alicia de Oliveira da. **Uma análise historiográfica sobre a faraó Hatshepsut e sua legitimação ao trono egípcio por meio da teogamia do seu nascimento divino durante a**

XVIII dinastia. 2023. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2023.

DODSON, Aidan. **Nefertiti, Queen and Pharaoh of Egypt: Her Life and Afterlife.** Cairo: The American. University in Cairo Press, 2020.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte.** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora LTC, 1999

GRALHA, Julio. **A Mulher na Antiguidade:** In Candido, M. R.(org) Anais da III Jornada de Estudos da Antiguidade Rio de Janeiro. NEA/UERJ/Fábrica do Livro SENAI: 2006.

JACQ, Christian. **Akhenaton e Nefertiti – O casal solar.** Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Hemus – Livraria Editora LTDA, 1978.

_____. **As egípcias. Retrato de mulheres do Egito faraônico.** Tradução: Maria Bragança. Portugal: ASA, 1998.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LADISLAU A. S. et al. **Vitrine de papel: as mulheres no periódico paraibano O Publicador (1864-1869).** Programa de Pós-Graduação em História (Dissertação-mestrado), 2022.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão às mulheres pelos homens.** Tradução: Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

MUNIZ, D. do C. G. (2018). **Sobre História e Historiografia das Mulheres.** *Caderno Espaço Feminino*, 31(1). <https://doi.org/10.14393/CEF-v31n1-2018-8> Acesso em: 12/06/24

NOBLECOURT, Christiane Desroches. **A mulher no tempo dos faraós.** Campinas, SP: Papirus, 1994.

OLIVEIRA, Haydée. **Mãe, filha, esposa e irmã. Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no Antigo Egito durante a XIX dinastia.** Tese de doutorado, UFF Niterói; 2005.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 4, p. 9–28, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em: 25 out. 2024.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas.** São Paulo; Contexto, 2005.

REIS, José Carlos. O Lugar da teoria-metodologia na cultura histórica. *Revista de Teoria da História*, Universidade Federal de Goiás, pág. 4-26, dez. 2011.

ROBINS, Gay. **Women in Ancient Egypt.** Cambridge: Harvard University Press, 1993.

SANTOS, Moacir Elias. A Mulher no Antigo Egito nas obras de Gay Robbins. Revista Mundo Antigo, v.2, n.4, dez., 2013.

SILVA, Patrícia Lima Da et al.. **O conceito de aprender no pensamento de gilles deleuze**. Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76151>. Acesso em: 21/09/2024 13:08

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 399-428.

SOUSA, Aline Fernandes. **A Mulher-Faraó: Representações da Rainha Hatshepsut com Instrumento de Legitimação (Egito Antigo – Século XV a.C.)**. Niterói: UFF, 2010. (Dissertação de Mestrado)

SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. **Nefertiti: sacerdotisa, deusa e faraó**. São Paulo: Madras, 2012.

TÉTART, Philippe. **Pequena história dos historiadores**. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru/São Paulo: Edusc, 2000.

TYLDESLEY, Joyce. **Nefertiti's Face: The Creation of an Icon**. Boston: Harvard University Press, 2018. 240 p.

WIEDEMANN, Amanda B. **Gênero e Mulher no Antigo Egito**. Niterói: UFF, tese de doutorado, 2007. p. 239.